

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MARCIA ELIZANDRA FAUSTINO

DEPOIS DAQUELE DIA

**Projeto de livro-reportagem sobre a Casa Pró-vida Mãe Imaculada, que assiste a
mulheres que pensaram em abortar**

CURITIBA

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MARCIA ELIZANDRA FAUSTINO

DEPOIS DAQUELE DIA

**Projeto de livro-reportagem sobre a Casa Pró-vida Mãe Imaculada, que assiste a
mulheres que pensaram em abortar**

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo II no curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo – da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Fernandes

CURITIBA

2017

À minha mãe, a mais bela flor, Eliana de Fátima Pereira Faustino.

(in memoriam)

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, pela sua paternidade e pela sua graça que não me faltou e me sustentou durante toda minha vida, em especial, na produção deste livro.

Agradeço também à Virgem Maria, que com sua maternidade nunca me desamparou.

À Comunidade Católica Shalom, que me dá a conhecer e me conduz à vontade de Deus e à minha missão. É isso que dá sentido a tudo, inclusive à presente produção.

À minha família, meu seguro porto, pelo apoio e amor. Em especial, ao meu pai, Odair Fernandes Faustino, por ser pai, por ser meu pai, por cuidar e amar e ao meu irmão caçula, Odair Junior, pela parceria em tudo. Apesar do livro falar sobre maternidade, a produção me mostrou a importância do papel paterno e como esse complemento foi essencial para mim.

Ao meu professor orientador, José Carlos Fernandes por me guiar e me socorrer enquanto escrevia. Aos meus colegas de faculdade, que me ensinaram com a vida deles, durante esses quatro anos de curso.

Aos meus amigos, e a todos que direta ou indiretamente me ajudaram na produção.

Agradeço à Casa Pró-Vida Mãe Imaculada pelo acolhimento e confiança durante esse tempo (afinal, tornaram-se especialistas em acolher). Ao padre Silvio e à Jane Maria que estão à frente dessa obra.

Em especial, a uma família de colaboradores (voluntários) da casa, Paulo e Silvia, com seus filhos, Laura, Vitória e João Paulo. Para mim, têm uma participação especial neste livro. Apesar de não serem de sangue, tornaram-se minha família e muitas vezes foram um refúgio e alegria neste tempo.

A cada mulher que se dispôs a contar sua história e construir este livro. A cada mulher que optou por continuar a gravidez aceitando o apoio da casa, dando aos seus filhos a chance de terem uma vida, de terem uma mãe.

Obrigada, mães, por darem essa chance aos seus filhos. Lembro, assim, da minha mãe. Como foi bom ter uma mãe, como foi bom ter uma história com ela.

Este livro é só o início da história de vocês com seus filhos, dos seus filhos com vocês.

Por fim, mas não menos importante. Agradeço a minha mãe, Eliana de Fátima Pereira Faustino, meu amor, por ter sido minha mãe, por me gerar, me criar, cuidar e por me amar, até o fim da sua vida. Ela foi para o Céu durante a produção do livro, mas nossa história juntas aconteceu e foi muito boa. Conto agora o início da história de outras mães e seus filhos.

“O futuro da humanidade está nas mãos daqueles que são capazes de transmitir às gerações do amanhã razões de vida e de esperança.”

– São João Paulo II

RESUMO

O projeto apresenta o livro-reportagem *Depois daquele dia*, explora as discussões sobre o aborto baseado em relatos de mulheres que pensaram em abortar e desistiram ao conhecer o trabalho da instituição católica, “Casa Pró-Vida Mãe Imaculada, em Curitiba”. Expõe as questões de fundo do debate sobre o aborto, como embate jurídico, a maternidade e a relação político-econômica do tema. Aprofunda o conceito de livro-reportagem e jornalismo literário, gêneros jornalísticos utilizados na produção.

Palavra-chave: Aborto. Nascituro. Mulher. Maternidade. Casa Pró-Vida Mãe Imaculada. Igreja Católica. Livro-Reportagem

ABSTRACT

The project presents the book-report *Depois daquele dia*, it explores the discussions about the abortion based on reports of women who thought of aborting and gave up when they got to know the work of the catholic institution "Casa Pró-Vida Mãe Imaculada", in Curitiba. It exposes the background questions of the debate about the abortion, like the juridic conflict, maternity and the politic-economic relation of the subject. It deepens the concept of book-report and literary journalism, journalistic genres used in the production.

Key-words: Abortion. Unborn. Woman. Maternity. Casa Pró-Vida Mãe Imaculada. Catholic Church Book-report.

LISTA DE ABREVIATURAS

Abep - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa.

Celade - Centro Latino-Americano de Demografia.

IPPF - Federação Internacional de Planejamento Familiar

ONU – Organização das Nações Unidas

PEC – Proposta de Emenda Constitucional

PNA – Pesquisa Nacional do Aborto

STF – Supremo Tribunal Federal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O ABORTO.....	12
2.1 O CRESCIMENTO POPULACIONAL E O ABORTO.....	12
2.2 O EMBATE JURÍDICO	14
2.3 A LEGISLAÇÃO DO ABORTO NO BRASIL	17
2.4 A MATERNIDADE	20
3 A CASA PRÓ-VIDA MÃE IMACULADA.....	22
4 O LIVRO-REPORTAGEM E O JORNALISMO LITERÁRIO.....	24
3.1 A ENTREVISTA	25
5 O PRODUTO	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
ANEXO 1 – 14 ENTREVISTAS COM AS MULHERES QUE DESISTIRAM DO	
ABORTO.....	31
ANEXO 2 – ENTREVISTA COM O FUNDADOR DA CASA PRÓ-VIDA MÃE	
IMACULADA, PADRE SILVIO ROBERTO, MIC.....	68

1 INTRODUÇÃO

O aborto é um tema que causa discussões, em várias áreas, político-econômica, jurídica, médica, entre outras. No Brasil, é descriminalizado em três situações: estupro, risco de vida materno e no caso de fetos com anencefalia¹. Essa última situação se refere a uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF): a interrupção da gravidez quando o feto é anencefálico não é julgada como um crime.

Do ponto de vista histórico, o aborto sempre esteve presente na civilização, mas a discussão começa a ser “institucionalizada” a partir da preocupação com o crescimento populacional, em meados dos anos 1950. O aborto é observado como uma das estratégias para moderação de tal fenômeno.

Desde então, o debate é levado a diferentes campos da sociedade. No direito, por exemplo, entra em discussão o direito fundamental à vida e os direitos sexuais e reprodutivos, a violência e adoção.

Traz também questões médicas e biológicas, por exemplo, sobre quando se inicia a vida humana. As religiões também abordam o assunto, com destaque para a Igreja Católica, que produziu documentos sobre a inviolabilidade da vida desde a concepção até a morte natural e tratou da dignidade da mulher.

O presente trabalho trata de uma instituição ligada à Igreja Católica, a Casa Pró-Vida Mãe Imaculada, em Curitiba, Paraná, cuja atividade se caracteriza pelo atendimento e acompanhamento às mulheres que estão em risco de fazer um aborto, sugerindo a continuação da gravidez.

O livro *Depois daquele dia* – que acompanha este projeto – surgiu do desejo de contar a história dessas mulheres e de seus filhos; de acompanhar de perto algumas delas, durante a gravidez e nascimento do filho; e saber o quanto a decisão por continuar a gravidez, com o apoio da casa, as fazia bem. O objetivo da pesquisa é mostrar as principais razões que levam as mulheres a pensar – e até realizar – um aborto, baseado na história das mulheres que chegaram à Casa Pró-Vida Mãe Imaculada e ajudar nas discussões que permeiam o tema. De uma maneira simples e leve tece a realidade dessas mulheres e as faces do debate.

¹ Por anencefalia se entende a condição caracterizada pela má formação ou ausência do cérebro e/ou da calota craniana (os rudimentos de cérebro se existem, não são cobertos por ossos).
<http://www.abc.med.br/p/saude-da-mulher/340714/anencefalia+causas+sinais+e+sintomas+diagnostico+evolucao.htm>

Como metodologia de trabalho, foram feitas observações participantes e entrevistas em profundidade com 14 mulheres que estão sendo assistidas pela Casa Pró-Vida Mãe Imaculada ou que participaram do trabalho da instituição em algum momento de suas vidas. As entrevistadas foram escolhidas, de modo aleatório, ou seja, a seleção não se pautou em histórias de vida ou temas específicos, mas na agenda ditada pelas próprias mulheres. A expectativa é que a narrativa de cada uma delas possa contribuir com as discussões sobre o aborto, destacando as situações que a mulher vive, assim como o valor e dignidade da vida do nascituro, ou mesmo da vida em potencial que está sendo gerada. Quanto à observação participante, a autora vem de uma convivência de dois anos na instituição, tempo em que acompanhou trâmites internos e se aprofundou em questões relativas ao aborto.

Como referências teóricas, destacam-se os advogados Jorge Scala e Luiz Cláudio Spolidoro, num esclarecimento histórico e jurídico da questão; o demógrafo George Martine mostra que há uma relação entre crescimento e controle demográfico as iniciativas ao aborto, relação pouco conhecida e trabalhada nas discussões do tema; e a jornalista Narlla Sales Bessoni, com sua obra voltada à maternidade, bem como artigos e/ou reportagens sobre o tema.

Os capítulos que seguem esse documento monográfico pontuam como o aborto começa a ser uma discussão dentro da sociedade, as questões de fundo sobre o tema e os assuntos hoje ligados a ele, como a percepção da maternidade, o embate jurídico e as questões biológicas.

A escolha por um livro-reportagem se deu pela possibilidade de aproximação do leitor com o tema. O pesquisador Edvaldo Pereira Lima – referência em reportagem extensiva – destaca que o jornalismo literário, um dos braços da grande reportagem, ocupa um lugar especial na cultura contemporânea. Não sendo a forma de jornalismo mais popular nem a mais constante, resta-lhe ser diferente, com características que lhe dão uma identidade própria, como a força comunicativa poderosa e uma qualidade estética notável. É sob medida para um tema tão espinhoso e capaz de despertar tantas paixões.

2 O ABORTO

2.1 O CRESCIMENTO POPULACIONAL E O ABORTO

O debate em relação ao aborto nasceu vinculado com as discussões sobre aumento populacional e suas implicações. Aborda-se neste capítulo aspectos demográficos no âmbito das Nações Unidas (ONU) e de demais organismos internacionais. Tensiona-se aqui a aproximação entre o embate moral sobre o aborto e os imperativos de uma questão de ordem econômica.

O aborto gera discussões em diversos campos da sociedade, na política, ciência, moral e direito. De modo mais “institucional”, começa a ser debatido na década de 1950, com a fundação do Conselho Populacional dos Estados Unidos, por John Rockefeller III (SCALA, 1997). A formação do conselho se deu pela preocupação do crescimento da população em esfera mundial, sobretudo nos países do então chamado Terceiro Mundo.

Dados da Organização das Nações Unidas indicam crescimento progressivo da população. A população mundial chegou a 5 bilhões em 11 de julho de 1987, e atingiu a marca de 6 bilhões de pessoas em 12 de outubro de 1999. Hoje, a escala é de 7 bilhões (ONU, 2017). Face essa rápida expansão, o crescimento populacional causaria sérias implicações sobre a vida humana, como a pobreza, saúde e envelhecimento não assistido, abastecimento inadequados de alimentos e falta de água potável. De modo que a discussão sobre o crescimento e controle populacional ganha ênfase.

O sociólogo e demógrafo canadense George Martine (2005), em ensaio sobre a evolução dos estudos populacionais no Brasil, fala sobre o neomalthusianismo², atualização da teoria demográfica de Thomas Malthus. De acordo com a teoria, o crescimento da população se dá em progressão geométrica, enquanto a produção de alimentos, por exemplo, cresce em produção aritmética. Isso explicaria a existência da pobreza, fome no mundo, um crescimento desigual que traz como consequências a desigualdade. Desde então, o conselho populacional conduz pesquisas sobre questões de saúde e desenvolvimento e hoje tem sede em mais de 50 países. (CONSELHO, 2017)

² Por neomalthusianismo se entende uma atualização da teoria malthusiana, na qual se acredita que o subdesenvolvimento e a pobreza são provocados pelas altas taxas de natalidade.
<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/teoria-neomalthusiana.htm>

Na década de 40, começou a primar o interesse acadêmico pela ‘teoria da transição demográfica’. Esta teoria enfatizava a importância de mudanças estruturais como pré-condição para mudanças no comportamento reprodutivo e nos níveis de fecundidade. (MARTINE, 2005, p.258)

A preocupação com a explosão demográfica dá o passo inicial para o desenvolvimento de uma massa crítica que passa a desenvolver mecanismos para o planejamento familiar. Além a criação do Conselho Populacional, em 1952 é constituída em Londres a Federação Internacional de Planejamento Familiar (IPPF). A partir daí o aborto começa a ser apresentado como um método específico de controle populacional.

O fracasso maciço da anticoncepção imposta às populações pouco cooperativas do Terceiro Mundo é o que fez adotar (...) o aborto, pela Planificação Familiar Internacional, como um meio urgente para fazer frente ao excesso de população (SCHOOYANS apud SCALA, 2004, p. 22)

O documento *National security study memorandum 200 (NSSM 200): implications of world wide population growth for US security and overseas interests*, de autoria do então secretário de estado americano Henry Kissinger, de 10 de dezembro de 1974, trata das implicações do crescimento populacional. Seguindo recomendações do Plano de Ação Mundial de População, adotado na Conferência Mundial da População, os países que trabalham para alterar os níveis de fertilidade deveriam dar prioridade ao desenvolvimento de programas e estratégias de saúde e educação que tivessem efeito decisivo na fertilidade. A cooperação internacional tinha como tarefa auxiliar os esforços nacionais³.

Esses programas incluem: melhorias nos cuidados com saúde e nutrição para reduzir a mortalidade infantil; educação e avanço no status social para as mulheres; aumento dos empregos femininos; melhoria na segurança dos idosos; e assistência à população rural pobre, que em geral tem fertilidade mais alta, com ações para redistribuir renda e recursos inclusive pela provisão de fazendas privadas. (NSSM 200, 1974, p.7, tradução nossa)

Segundo Martine (2005), no Brasil, esses estudos passam a ter força a partir de 1960. O Centro Latino-Americano de Demografia (Celade), fundado por um convênio entre as Nações Unidas e o governo do Chile, agregava incentivos a cursos e estudos voltados para as questões demográficas e desenvolvimento da população. O Celade possibilitou a formação da Abep (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa),

³ Documento http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/Pcaab500.pdf - Inglês

associação que reúne centenas de pessoas interessadas nos temas relacionados à população.

As questões ligadas ao planejamento familiar não foram aceitas logo de início no Brasil. A alternativa com maior resultado imediato foi o estímulo de uma massa crítica voltada aos estudos populacionais. Bolsas de especializações foram oferecidas com o financiamento das Fundações Rockefeller e Fundação Ford, com foco na questão demográfica e suas implicações. Um exemplo são as primeiras aulas sobre Demografia no Programa de Mestrado em Economia Regional na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1969 (MARTINE, 2005).

A questão do aborto está intrinsicamente ligada à preocupação com o controle populacional. A evolução nos estudos relacionados à alta taxa de natalidade contribuiu para o pensamento e investimentos favoráveis à legalização do aborto.

2.2 O EMBATE JURÍDICO

No campo jurídico, o debate sobre o tema é complexo. Coloca-se em discussão dois dos direitos fundamentais: o direito à vida e os direitos sexuais e reprodutivos. Para os movimentos que defendem o aborto, a proibição discrimina a mulher, exercendo controle do seu corpo, privando-a de tal liberdade. Rompendo assim, com os direitos fundamentais – sexuais e reprodutivos – e com a liberdade sobre o corpo e as escolhas da mulher.

Os direitos humanos sexuais e reprodutivos vêm sendo incorporados desde a década de 90 no âmbito internacional através da ratificação dos tratados internacionais de direitos humanos e da adesão aos acordos internacionais pelo governo brasileiro, que assumiu obrigações internacionais de tomar medidas para a sua implementação através de leis e políticas públicas no âmbito nacional.. (GALL e ROCHA, 2014, p. 1)

No Código Civil⁴ está expresso que a personalidade civil do homem começa do nascimento com vida, mas a lei põe a salvo desde a concepção os direitos do nascituro. O Estatuto do Nascituro⁵, que ainda é um projeto de lei, visa reafirmar isso. O texto assegura a expectativa do direito à vida, à integridade física, à honra, à imagem e de todos os demais direitos da personalidade. O Brasil também é signatário da Convenção

⁴ Texto do Código Civil: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm

⁵ Estatuto do Nascituro:
https://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=443584

Americana de Direitos Humanos⁶, de 1969. Sobre o direito à vida, a convenção garante no artigo 4º, que toda pessoa tem o direito de que se respeite sua vida. Esse direito deve ser protegido pela lei e, em geral, desde o momento da concepção. Ninguém pode ser privado da vida arbitrariamente.

Na Constituição de 1988, a personalidade jurídica passa a existir quando o ser humano nasce e respira. A partir deste momento a pessoa goza de todos os direitos fundamentais. Atesta no artigo 5º que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

A Constituição faz referência, ao tratar desses direitos, ao indivíduo, ou seja, o ser humano, o homem, a pessoa, a todos aqueles que nasceram com vida, pois ao produto da concepção reservam-se direitos em estado potencial e, ao mesmo tempo, direito de que nenhum ato exógeno, provocado, impeça que ele tenha frustrada a sua formação fetal, até o momento do nascimento. (SPOLIDORO, 1997, p. 39)

O advogado Jaques de Camargo Penteado, ao escrever *A vida dos direitos humanos: bioética médica e jurídica*, diz que o embrião está para a criança como a criança está para o adulto. Pertencem aos vários estágios de um mesmo e único ser: o homem, a pessoa. Diante de tal embate, o direito caminha com o auxílio da embriologia. Dentro da medicina e biologia há muitas hipóteses sobre o começo da vida. Destacam-se três hipóteses:

- 1. Teoria da concepção:** a vida humana começa na fecundação, quando espermatozóide e óvulo se encontram e fundem seus materiais genéticos. Surge, assim, o ser humano. Passa a existir ali, uma vida, que apenas se desenvolve nas etapas seguintes, pois um novo indivíduo já está formado.

Sabemos com certeza absoluta que a ontogenia humana – o surgimento de um novo ser humano – está contida nos gametas masculino (espermatozoides) e feminino (óvulo) e se produz pela fusão dos gametas -, constituindo-se assim um novo núcleo, o zigoto, com um código genético nitidamente distinto do dos gametas cuja fusão foi a causa da sua origem.” (VILADRICH, 1987, p. 24)

- 2. Teoria da nidificação:** a vida começa na fixação do blastocisto (produto da fecundação) na parede do útero. Ocorre geralmente na segunda semana. Antes apenas havia um aglomerado de células. Um dos argumentos é de que o embrião fecundado em

⁶ Texto da Convenção:

<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/sanjose.htm>

laboratório morre se não for implantado no útero de uma mulher. O DIU e a pílula do dia seguinte, contraceptivos legalizados no Brasil visam impedir essa fase da gestação.

No entender dessa teoria, como o início da vida ocorre com a implantação e nidificação do ovo no útero materno, não há nenhuma vida humana em um embrião fertilizado em laboratório e, portanto não precisa de proteção como pessoa humana. (SOUZA, 2010, p.5)

3. Teoria da formação dos rudimentos do sistema nervoso central: Passa a existir vida quando o tecido nervoso estiver formado, quando o bebê estará sensível à dor, por exemplo. A teoria supõe o inverso do princípio da morte, que ocorre quando as atividades do cérebro param. Assim, somente quando elas começam se inicia também a vida.

O fato de o córtex cerebral (responsável pelas sensações) só iniciar seu desenvolvimento a partir da décima oitava semana de gestação, faz com que o feto só sinta dor a partir desse ponto da gestação” (SINGER apud CASTRO, 2014, p. 1)

Na questão jurídica, o assunto tem muitas nuances, há uma tentativa na lei em caminhar entre estas faces, o que faz com que o debate entre tais direitos fundamental – sexuais reprodutivos e o direito à vida – aumente a cada projeto de lei proposto ou aprovado.

Segundo o Sistema Único de Saúde, no Brasil há cerca de 200 mil internações por ano hospitalares devidas ao aborto este número é considerado por aborto espontâneo e provocado. Há um debate também em relação aos dados.

Os movimentos que defendem a legalização do aborto apontam que há cerca de **1 milhão** (grifo meu) abortos dado que os números de abortos são subnotificados. O número tem como uma das explicações a metodologia do Instituto Alan Guttmacher que diz que o ponto médio das estimativas do número de abortos inseguros é aproximadamente o número de internações por abortamento vezes 5 (SORRENTINO, 2001). Ou seja, seguindo tal raciocínio o número de abortos no Brasil seria de 1.000.000: 200 mil internações (dado pelo SUS) multiplicadas por 5.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que, a cada ano, 1 milhão de abortos clandestinos sejam realizados no Brasil, resultando na morte de uma mulher a cada dois dias, com maior risco para mulheres negras. O SUS registra quase 200 mil internações anuais por complicações pós-aborto (ONU, 2017, p. 62)

A especialista em saúde coletiva Isabella Mantovani (2015) afirma ser superestimada esse número de abortos. Ao fazer uma leitura dos dados da Pesquisa Nacional do Aborto (DINIZ e MEDEIROS, 2010), na qual mostra que 1 em cada 2 mulheres que aborta precisa de internação e relacioná-los com os dados do Sistema Único de Saúde (SUS), em uma apresentação na audiência pública da Comissão de Direitos Humanos do Senado (2015) expõe que no país é realizado aproximadamente **100 mil** abortos (grifo meu) por ano. A pesquisadora utiliza dados oficiais do ministério da saúde.

O Instituto Guttmacher estimou que na Colômbia 400,400 abortos. Para as implicações deste relatório poderia ter sobre diferentes áreas de interesse são analisados em detalhe o método de estimação. A metodologia utilizada pelo Instituto Guttmacher foi a seguinte: primeiro, os autores estimaram as perdas e os abortos espontâneos da opinião de 289 indivíduos em igual número de instituições de saúde colombianas pela pesquisa de opinião denominada “As pesquisas de IPS.” Posteriormente, os números obtidos na pesquisa responderam a um multiplicador expansiva (x3, x4, x5, etc.) Também surgiu a partir da opinião subjetiva de outros 102 entrevistados selecionados por conveniência. (GINECOLOGÍA Y OBSTETRICIA DE MÉXICO, 2012, p. 361)

É perceptível a diferença entre os números. Está é uma das razões pelas quais o tema complexo e causa tantas discussões na sociedade.

2.3 A LEGISLAÇÃO DO ABORTO NO BRASIL

O aborto no Brasil é considerado crime pelo Código Penal⁷ de 1940, de acordo com a Lei n.º 2.848. As formas de aborto são o natural, o acidental, o criminoso e o legal.

As formas de aborto são o natural, o acidental, o criminoso e o legal. Na primeira hipótese, a interrupção da gravidez decorre de causas patológicas e ocorre de maneira espontânea. Na segunda hipótese, ou seja, no aborto acidental, a interrupção da gravidez ocorre devido a causas exteriores e traumáticas, como, por exemplo, o aborto é punível como crime. São as hipóteses de interrupção forçada e voluntária da gravidez com a morte do feto, tipificadas no art. 124 e seguintes do Código Penal. (LIMA, 2007, p. 62)

⁷ Código penal de 1940: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm

No país, o aborto é descriminalizado em três situações: quando não há outra forma de salvar a vida da mãe, em casos de estupro e nos casos de anencefalia. Este último se refere a uma decisão do Supremo Tribunal Federal: a interrupção da gravidez em casos de fetos anencefálicos não é julgada como um crime.

Hoje há duas situações em debate – a discussões sobre o aborto em casos de microcefalia e o aborto até o terceiro mês da gestação. Em novembro de 2016, a primeira turma do Supremo Tribunal Federal concedeu um *habeas corpus* que revogou a prisão preventiva de cinco pessoas que trabalhavam numa clínica clandestina de aborto em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Votaram os ministros Luís Roberto Barroso, Rosa Weber e Edson Fachin.

Além da descriminalização em relação aos casos de violência, a Lei 12.845⁸, chamada de Cavalos de Tróia e sancionada em 1.º de agosto de 2013, visa atender as vítimas de violência sexual de modo imediato e obrigatório. A legislação facilita o acesso ao tratamento das mulheres vítimas de abuso e violência sexual. Porém, a mesma lei recebe muitas críticas, pois parte de seus dispositivos já estão inclusos em outras normativas. O que se encontra, de novidade, no artigo 3.º, é a profilaxia da gravidez como um serviço imediato e obrigatório em todos os hospitais integrantes da rede do Sistema Único de Saúde (SUS). Ou seja, o aborto como um serviço imediato e obrigatório.

A lei traz consigo, além de repetições, como o exemplo supracitado, o crime de omissão de socorro já constante no artigo 135 do Código Penal e protocolos médicos já rotineiros. Ainda, aduz ao aborto com a referência de “profilaxia da gravidez”, tratando o produto da concepção como uma doença. (ARAÚJO, 2016, p. 82)

O Projeto de Lei (PL) 5.069⁹ também é alvo de discussões, pois tipifica como crime contra a vida o anúncio de meio abortivo e prevê penas específicas para quem induz a gestante à prática. O PL exige apresentação de um boletim de ocorrência e exame de corpo de delito para que seja realizado um aborto. Para os contrários, tal projeto exporia ainda mais a mulher que é violentada, por precisar falar sobre a situação, ou passar por constrangimentos na delegacia. Também inviabilizaria o acesso rápido à pílula do dia seguinte, por exemplo.

⁸ Texto da lei: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/112845.htm

⁹ PL 5.069: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1071423.pdf>

Além das diferentes possibilidades de interpretação, é fato concreto que, se aprovado, o texto dificultará o aborto a mulheres estupradas que procurem o serviço de saúde por obrigar que o procedimento só seja feito quando o crime for constatado em exames de corpo de delito e comunicado à polícia. Não são raros os casos de mulheres estupradas que escolhem não expor seus agressores: ou por eles serem conhecidos (o próprio pai ou irmão, por exemplo), ou por se sentirem ameaçadas (caso de uma mulher que foi violentada por um chefe do tráfico do bairro onde mora, por exemplo), ou por escolha (porque não querem reviver o trauma ao contar para a polícia). (EL PAÍS, 2015)

O argumento a favor do PL é de que se pode evitar a tentativa de aborto por mulheres que não teriam sido violentadas, uma vez que antes de sua aprovação, apenas a afirmação da mulher sobre ter sofrido violência sexual era o suficiente para fazer o aborto no Sistema Único de Saúde (SUS).

A mulher vítima de violência sexual precisa, acima de tudo, ser atendida e acolhida. O cuidado, nesses casos, é essencial, e deve ser oferecido com todo o respeito exigido diante de uma das situações mais traumáticas que uma mulher pode viver. Justamente por isso é leviano considerar que esse cuidado envolva o incentivo ou a facilitação à eliminação de um outro ser humano. Isso seria transformar a vítima de agressão em coautora de uma nova violência, uma carga que mulher nenhuma deveria ter de suportar. (GAZETA DO POVO, 2015)

Recentemente, em 08 de novembro de 2017, a Comissão Especial da Câmara Federal aprovou a PEC 181/15¹⁰, sobre o aumento da licença maternidade em casos de bebês prematuros. Além disso, o texto traz substitutivo que acrescenta ao inciso III do art. 1º “dignidade da pessoa humana, desde a concepção” e do caput do art. 5º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida desde a concepção, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”, da Constituição Federal. O acréscimo da palavra **concepção** (grifo meu) pode frear futuros projetos ou emendas constitucionais para descriminalização do aborto em outros casos (fora os três casos já descriminalizados e citados a cima), e frear também a legalização.

¹⁰ Texto da PEC 181/15:

http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1586817&filename=Parecer-PEC18115-16-08-2017

2.4 A MATERNIDADE

A percepção em relação à maternidade tem mudado diante de um maior protagonismo do movimento feminista na sociedade. Paralelamente às discussões demográficas, citadas anteriormente, crescem as discussões sobre a emancipação feminina que, para algumas correntes feministas, estaria ligada ao distanciamento da maternidade. “Mesmo nas épocas em que a maternidade foi mais venerada, não permitiu ela que as mulheres conquistassem o primeiro lugar.” (BEAUVOIR, 1970, p. 83)

A maternidade passa a ser vista um eixo da desigualdade entre os sexos feminino e masculino. A socióloga Lucila Scavone, no artigo *A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais*, mencionando também outros autores afirma que a recusa da maternidade seria o primeiro caminho para subverter a dominação masculina e possibilitar que as mulheres buscassem uma identidade mais ampla, mais completa e, também, pudessem reconhecer todas suas outras potencialidades.

A maternidade começava, então, a ser compreendida como uma construção social, que designava o lugar das mulheres na família e na sociedade, isto é, a causa principal da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino. (SCAVONE, 2001)

A jornalista Narlla Sales Bessoni, no ensaio *Conflito e celebração: a maternidade em crônicas* (2013), escreve que no pensamento de Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1980), nascer mulher não significa possuir em si a identidade feminina, tratando-se, pois, de uma escolha que se faz ao longo da vida; nisso, há uma ruptura com o pensamento da Igreja Católica.

Há, neste ponto, uma ruptura com a ideia defendida pela Igreja de que a plena realização do ser mulher se dá a partir do acolhimento da própria identidade – feminina, no caso – e, essencialmente, na vivência da experiência da maternidade, seja ela física, espiritual e/ou adotiva. (BESSONI, 2013, p. 17)

Para o catolicismo, há um papel fundamental e insubstituível da maternidade dentro de uma família e a identidade feminina se plenifica com a maternidade, que está inserida na própria natureza da mulher. “A maternidade diz respeito à pessoa inteira, e não apenas ao corpo, nem tampouco apenas à ‘natureza humana’.” (WOJTYLA, 1988, p. 4).

A Igreja Católica contempla a maternidade em sua dimensão física e espiritual. Pode-se entender maternidade espiritual além da mulher celibatária: estende-se, por exemplo, a uma mulher próxima, ou parenta que tem para com a pessoa o amor como de uma mãe. Num exemplo prático, escuta-se por aí: “Eu gosto dela como se fosse minha mãe” ou “eu o amo como um filho”.

É importante destacar que, na Igreja Católica, a maternidade espiritual não é exercida apenas pelas celibatárias. Um dos pontos que se caracterizam o amor conjugal, de acordo com a Encíclica *Humanae Vitae*, é que ele seja fecundo. Fecundidade no sentido de ser aberto à vida, biologicamente falando, mas também, fecundidade espiritual. Portanto, o casal é impelido a viver a maternidade/paternidade espiritual com os filhos, sobrinhos, afilhados e pessoas que são confiadas aos seus cuidados. (BESSONI, 2013, p. 14).

As mudanças e a conservação da percepção da maternidade são percebidas nos depoimentos nas alegrias e desafios que a maternidade traz para cada mulher.

3 A CASA PRÓ-VIDA MÃE IMACULADA

A Casa Pró-Vida Mãe Imaculada foi inaugurada dia 12 de dezembro de 2012. O trabalho se caracteriza pelo atendimento a mulheres que estão em risco de fazer o aborto, sugerindo a continuidade da gravidez, dando o amparo e acolhimento necessários para a gestante e para a criança. Em quatro anos de existência, a Casa Pró-Vida atendeu mais de 300 mulheres e nasceram cerca de 200 crianças¹¹.

A Casa pertence à Igreja Católica, dirigida pelo padre Silvio Roberto, MIC¹² (42 anos) e pela estudante de Psicologia, Jane Maria de Andrade (47 anos). O local presta auxílio assistencial, psicológico, material, jurídico e médico. Não tem a estrutura de uma casa lar, onde as mulheres poderiam morar, por exemplo; nem de um orfanato. Na sede – no bairro Sítio Cercado, Zona Sul de Curitiba – fica a administração, onde acontecem as reuniões e as mulheres vão para ser acompanhadas, buscar doações, participar de alguma oficina, entre outras atividades.

O serviço é composto por núcleos que desenvolvem o trabalho de promoção da vida desde sua concepção até a morte natural. Em cada um desses núcleos os interessados podem se tornar voluntários ou se voluntariar sem pertencer a um núcleo específico. São dez núcleos:

Núcleo Vida: responsável pelo primeiro contato e acompanhamento da gestante.

Núcleo de Biopolítica: estuda os temas relacionados à defesa da vida, para formar as pessoas.

Núcleo da Espiritualidade: responsável pela intercessão e liturgia nos eventos e serviços da casa.

Núcleo Jovem: rapazes e moças são formados em temas relacionados à defesa da vida e os levam a outros jovens.

Núcleo de Eventos: responsável pela organização da agenda social da instituição.

Núcleo de Marketing: responsável por dar publicidade às ações da casa.

Núcleo da Comunicação: assessoria, produção de conteúdo e mídia social da casa.

¹¹ Informação do site da instituição <http://casaprovidami.com.br/quem-somos/>

¹² Sigla da congregação dos Padres Marianos da Imaculada Conceição (MIC), instituto religioso ao qual padre Silvio pertence. O padre Estanislau Papczynski (hoje Santo Estanislau de Jesus e Maria), fundador da congregação, é considerado padroeiro da vida. <http://misericordia.org.br/marianos/>

Núcleo Família: acompanha as mães e as famílias que já deram à luz, visitando-as, levando espiritualidade para dentro dos lares.

Núcleo Social: responsável pelo trabalho de assistência social às mulheres atendidas e por um bazar que a casa administra (Bazar MI).

Núcleo dos Benfeitores: formado por pessoas que ajudam financeiramente a instituição, com doações mensais ou esporádicas.

Todo o apoio é dado durante a gravidez e pós-parto. O bebê e a mãe mais velhos da casa ainda são acompanhados pela instituição, que conta com voluntários (chamados também de colaboradores), funcionários e benfeitores. Esses últimos contribuem financeiramente com a obra.

O trabalho da instituição de acolhimento e atendimento a mulheres que pensam em fazer o aborto nasce como uma missão, dentro do espírito apostólico e pastoral da Igreja Católica, em resposta ao que a humanidade vive neste tempo.

A Igreja Católica assume ser contrária ao aborto em qualquer estágio da gravidez. A visão católica é a mais difundida no país, reiterando o olhar mais aceito sobre a inviolabilidade da vida humana. O papa Paulo IV já afirmava isto na década de 60, na carta encíclica *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual

Tudo quanto se opõe à vida, como seja toda a espécie de homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e jovens; e também as condições degradantes de trabalho, em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis. Todas estas coisas e outras semelhantes são infamantes; ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador (MONTINI, 1965, p.15)

Mais tarde e o papa João Paulo II reafirma em 1995, com a encíclica *Evangelium Vitae*, escrevendo sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana desde a concepção até a morte natural.

4 O LIVRO-REPORTAGEM E O JORNALISMO LITERÁRIO

Para o autor Edvaldo Lima, o livro-reportagem se encaixa no gênero de jornalismo literário. Priscila Oliveira, em seu artigo “Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história”, destaca esse gênero na proximidade entre a literatura e jornalismo na construção do livro-reportagem.

Assim como na literatura, a palavra torna-se o principal recurso que caracteriza a ação do jornalismo para atingir seu alvo. A atenção do leitor e a palavra escrita justificam esta união, que encontra seu marco originário a partir do momento em que narrar torna-se essencial, tanto para o fazer jornalístico, quanto para a literatura (OLIVEIRA, 2006, p. 2).

Lima (2010) destaca que o jornalismo literário ocupa um lugar especial na cultura contemporânea. Não sendo a forma de jornalismo mais popular nem a mais constante, resta-lhe ser diferente, com características que lhe dão uma identidade própria, como a força comunicativa poderosa e uma qualidade estética notável.

No processo de desenvolvimento do jornalismo, a história (ainda que não-ficcional) perdeu espaço para a narração do fato, o que Luis Milman chama de noticiarismo (MILMAN, 1998). Contudo, a inovação e reinvenção das técnicas jornalísticas são constantes e o jornalismo está diretamente ligado à dinâmica da sociedade, das pessoas. Mostra-se assim a importância do livro-reportagem.

Este modelo vem crescendo no circuito editorial. Entre os motivos para o aumento no número de publicações de livro-reportagem estão: a queda do custo da impressão, a possibilidade de publicar em novas plataformas, o interesse do público, e também ser uma alternativa aos profissionais jornalistas de desenvolverem, por meio de um suporte específico, um texto diferenciado da prática das hardnews. (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 141)

O jornalista e professor na Universidade Federal Fluminense/RJ, Felipe Pena (2005), em seu artigo, O jornalismo Literário como gênero e conceito, enfatiza que o jornalismo literário não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem, mas vai além, e potencializa os recursos do jornalismo.

O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia

seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2005, p.6)

Narrar histórias e experiências são características da literatura que mescladas ao jornalismo podem levar o leitor ao aprofundamento, proximidade e identificação com o conteúdo. E o jornalismo, enquanto retrato fiel da realidade inspira a literatura; esta, em escala menor, também acresce ao mesmo. (WEISE, 2013)

3.1 A ENTREVISTA

Em seu blog, a jornalista Eliane Brum se diz “uma escutadeira que escreve”. Considera que mais importante do que saber perguntar é saber ouvir a resposta (BRUM apud MALTA, 2015, p. 25). As entrevistas tão essenciais na ação jornalística foram a base do presente trabalho.

Essas características do ato de escutar mostram que é uma atividade que exige intensa observação. Escutar não se limita ao conteúdo da fala, é um exercício que pede atenção à maneira como as informações são ditas, aos elementos que compõem as atitudes do entrevistado. (MALTA, 2015, p. 24)

A proximidade com as fontes, em entrevistas presenciais, auxiliou a escrita dos relatos e dos temas que as permearam.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano” (MEDINA apud CAPUTO, 2006, p. 20)

Escutar histórias de vida pôde quebrar qualquer roteiro de uma entrevista e trazer impressões e visões sobre o tema que nenhuma notícia ou artigo sobre poderia trazer.

5 O PRODUTO

Na construção do livro, pensou-se em deixar mais leve e simples o tema pesado que é o aborto; o formato menor foi inspirado no livro *Meus Desacontecimentos* de Eliane Brum deixando para deixar o livro mais leve (embora na impressão a capa tenha saído um centímetro maior), combinado com a capa dura para ser carregado em qualquer lugar. A capa dura lembra também um diário, onde são colocadas as histórias.

O título do livro, *Depois daquele dia*, pode marcar o dia que a mulher engravidou, ou que descobriu a gravidez; o dia que encontrou a Casa Pró-Vida ou o dia em que ela decide dar a gravidez.

Os capítulos curtos e alternados com relatos na íntegra para a aproximação do leitor com o tema, para não ser um livro restrito a quem debate sobre o assunto.

O projeto de um livro sobre o aborto, relatando histórias de mulheres que já pensaram em abortar e o trabalho da Casa Pró-Vida Mãe Imaculada, de acolhimento da gestante e da criança, pode aproximar e demonstra ao leitor a realidade do tema e deseja contemplar a dignidade das duas pessoas centrais no meio de tantas discussões: a mulher e o nascituro.

A escolha das entrevistadas se deu de modo aleatório, de acordo com a aceitação delas em contar a sua história. As conversas aconteceram durante o segundo semestre de 2016 e primeiro semestre de 2017. Os locais para entrevistas foram indicados por elas. Algumas foram realizadas na estrutura da Casa Pró-Vida, outras num lugar público, como shoppings de fácil acesso para elas. Algumas ainda estavam grávidas, outras já tinham dado à luz. Ao todo, são 14 relatos de mães que decidiram não abortar e são acompanhadas pela casa.

Os capítulos do livro tratam dos principais temas tocados por elas de forma indireta nas entrevistas, seja a situação financeira, o homem que abandona, adoção, entre outros. Além dos capítulos com os temas abordados o livro traz relatos na íntegra.

As entrevistas foram feitas sem muitas perguntas, as mulheres se sentiram livres em contar toda a história. Além das mulheres, foi entrevistado o fundador e diretor da Casa Pró-Vida Mãe Imaculada, que falou um pouco da história e do carisma da instituição. Tal entrevista foi diferente das demais, com uma característica maior de pergunta e resposta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contemplar o nascituro e a mulher-mãe foi um grande presente, uma grande honra e ao mesmo tempo um desafio, pois falar de aborto não é algo bom ou simples. Mas o livro mostra a esperança. Experimentar e escrever sobre a esperança, que é a dignidade da vida do bebê e da mãe foi um presente na conclusão do curso de Jornalismo. O Jornalismo precisa e pode mostrar a esperança, diante da sociedade, diante das pessoas.

Conviver, observar e entrevistar as mulheres foi uma experiência incrível. De descobertas, reflexões, alegrias e emoções. Pude chorar e sorrir com elas e ainda ver o fruto da história e decisão de cada uma: uma criança viva e uma mãe certa de que aquilo valeu a pena. São meninos e meninas, futuros homens e mulheres da nossa sociedade, que com sentido em suas vidas podem, sim, transformar o mundo.

Sentido que experimentei vivendo a experiência jornalística. Quero eu que todas as pessoas experimentem sentido na sua profissão, no seu ordinário. A profissão passa pelo ordinário.

Eu entrevistei muitas mulheres com minha faixa de idade, isso foi muito forte para mim. Na entrevista com a E. – adolescente que com 13 anos foi violentada e mesmo assim não queria abortar, mesmo antes de conhecer o amparo da Casa –, vi ela percebeu de modo muito simples o valor da pessoa sendo gerada nela. No dia da entrevista, ela olhava para seu filho que corria ao nosso redor e foi muito marcante: ela não parou seu olhar em si mesma, e me ensinou a não parar o meu também. Além de 14 histórias de mulheres, são 14 crianças envolvidas – 15 nesse caso, uma delas teve gêmeos –. Pude levar meu olhar além, e ao todo esse trabalho se trata de 29 vidas. Vida da mulher, vida da criança.

Sobre a construção do livro, foi uma aventura. Passar para o leitor dos as experiências vividas, e as discussões em meio as histórias foi difícil, queria eu que cada leitor estivesse comigo, em cada entrevista. O livro-reportagem me proporcionou mesclar as duas coisas, o debate e as histórias.

“O Amor me explicou tudo”. A frase de São João Paulo II parece definir tudo isso. Define o que eu sinto, ao concluir o curso, e trabalhar em defesa da dignidade da mulher e da criança, também a decisão das mulheres que, em meio a tantos desafios, foram contra a corrente. O Amor que é o próprio Deus que, atento, inspira a fundação da Casa Pró-Vida Mãe Imaculada como resposta ao que seus filhos(as) vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEP. **A ABEP FOCO E MISSÃO**. Disponível em < <http://www.abep.org/foco-e-missao-abep>> Acesso em: 19 de maio de 2017.

ARAÚJO, Michelle Pontaroli. **Aborto na perspectiva constitucional**. Curso de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016. TCC (graduação).

BESSONI, Narlla Sales. **Conflito e celebração: a maternidade em crônicas**. Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Universidade Católica de Brasília, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso 19 de novembro de 2017

BRUM, Eliane. **Desacontencimentos**. Disponível em: <http://elianebrum.com/>. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. 2.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Disponível em: https://dennisdeoliveira.files.wordpress.com/2014/09/stela_guedes_caputo_-_sobre_entrevistas-1-1.pdf. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

CASTRO, Taynara Cristina Braga. **bioética e suas repercussões no ordenamento jurídico**. **ADI n.º 3.510**, 2014. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/33465/adi-n-3-510-bioetica-e-suas-repercussoes-no-ordenamento-juridico/1>. Acesso em: 14 de novembro de 2017.

DINIZ e MEDEIROS. **Aborto no Brasil: uma pesquisa domiciliar com técnica de urna**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/002.pdf> . Acesso em 19 de novembro de 2017

EL PAÍS. **O que o PL 5069 diz (e não diz) sobre a pílula do dia seguinte: tire dúvidas**. São Paulo, 2015 Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/12/politica/1447357721_656693.html>. Acesso em: 5 de junho de 2017.

GALL e ROCHA. **Direitos sexuais e reprodutivos, autonomia reprodutiva, política e (des) respeito ao princípio da laicidade**, 2014. Disponível em: http://www.meel.org.br/wp-content/uploads/2014/08/artigo_dsr_politica_principio_laicidade.pdf Acesso em: 14 de novembro de 2017.

GAZETA DO POVO. **Correções em favor da vida**. Curitiba, 2015. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/correcoes-em-favor-da-vida-6sl3mvfazn5f1gpfa02t5qe8>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

Koch, E.; Bravo, M., Gatica, S., Stecher, J. F., Aracena, P., Valenzuela, S., Ahlers, I. **Sobrestimación del aborto inducido en Colombia y otros países latinoamericanos.** *Ginecol Obstet Mex* 2012;80(5):360-372. Disponível em: <http://www.medigraphic.com/pdfs/ginobsmex/gom-2012/gom125i.pdf> . Acesso em 19 de novembro de 2017

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=AYJHjbgse6sC&printsec=frontcover&dq=inauthor:"Edvaldo+Pereira+Lima"&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjF1aqVp-fQAhWMkZAKHfiaApAQ6AEIjAB#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=AYJHjbgse6sC&printsec=frontcover&dq=inauthor:)>. Acesso: 9 de dezembro de 2016.

LIMA, Carolina Alves de Souza. **Aborto e anencefalia: direitos fundamentais em colisão.** Curitiba: Juruá Editora, 2007.

MALTA, Ana Teresa Alves. **Proximidade e afastamento: diferenças entre a entrevista pessoal e a distância.** Brasília, 2015. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11684/1/2015_AnaTeresaAlvesMalta.pdf. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

MANTOVANI, Isabella. **Estatísticas do Aborto,** 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjpiNTussvXAhXMGJAKHR1HAIwQFgg0MAE&url=http%3A%2F%2Fwww2.camara.leg.br%2Fatividade-legislativa%2Fcomissoes%2Fcomissoes-permanentes%2Fcssf%2Fseminario-e-outros-eventos%2Fseminarios-e-outros-eventos-antiores%2Fseminarios-2015-1%2Fseminario-8-e-09.09%2Fapresentacao-4&usq=AOvVaw058yh0QuauSQuZVGNTtWJH> . Acesso em: 19 de novembro de 2017

MARTINE, George. **O papel dos organismos internacionais na evolução dos estudos populacionais no Brasil: notas preliminares.** São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v22n2/v22n2a04.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2017.

MONTINI, Giovanni Battista. **Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo actual,** 1965. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/edh_encyclica_gaudium_spes.pdf. Acesso em 15 de novembro de 2017.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história,** 2016 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

ONU. **A ONU e a população mundial.** Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/populacao-mundial/>> Acesso em 15 maio 2017

_____. **Documentos temáticos**, 2017 Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/dam/brazil/docs/publicacoes/documentos-tematicos-ods-07-2017.pdf> . Acesso em: 19 de novembro de 2017

PENA, **O jornalismo Literário como gênero e conceito**, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7731125638559101947920017565822289602.pdf>. Acesso em: 18 de dezembro de 2017

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014>>. Acesso: 16 nov. 2016.

SCALA, Jorge. **IPPF: a multinacional da morte**. Trad.: Luiz Carlos Lodi da Cruz. Anápolis (GO): Múltipla Gráfica Editora, 2004.

SCAVONE, Lucila. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais**, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100008. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

SPOLIDORO, Luiz Cláudio Amerise. **O aborto e sua antijuridicidade**. São Paulo: LEJUS, 1997.

SOUZA, Priscila Boim de. **Teorias do início da vida e lei de biossegurança**, 2010. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1863/1773> . Acesso em: 14 de novembro de 2017.

SORRENTINO, Sara Romera. **Dossiê Aborto Inseguro**, 2001 Disponível em: publicacoes/dossie-aborto-inseguro/at_download/file . Acesso em 19 de novembro de 2017.

VILADRICH, Pedro-Juan. **Aborto e sociedade permissiva**. Trad.: José Gabriel P Madureira. Quadrante: Sociedade de Publicações Culturais, 1987.

WEISE, Angélica Fabiane. **Para compreender o jornalismo literário**. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/>. Acesso em: 14 nov. 2016.

WOJTYLA, Karol Józef. **Evangelium vitae. Sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana**. Paulinas: São Paulo, 1995.

WOJTYLA, Karol Józef. **Mulieris dignitatem**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jpii_apl_15081988_mulieris-dignitatem_po.html>. Acesso em 15 de novembro de 2017

ANEXO 1 – 14 ENTREVISTAS COM AS MULHERES QUE DESISTIRAM DO ABORTO

1 P.

– Como que aconteceu tudo?

Na verdade assim, a minha filha mais nova, também foi assim, também pensei, também fiquei naquele desespero, mas aí passou sozinho, quando eu a senti mexer, passou. Acho que caiu a ficha, né, que não é brinquedo (ela tem 5 anos hoje).

Agora ele (meu filho) veio numa fase diferente da minha vida, porque eu estava trabalhando fora, eu era independente. Eu saía com minhas amigas, nunca que eu pensava em ter outro filho, meus filhos já estavam grandinhos, um com 4, outro com 8, então já não tinha aquela dependência em mim, né.

Só que a nossa situação era muito difícil. Porque meu marido ganhava um salário mínimo, e eu estava trabalhando com venda e se não estava vendendo não tinha dinheiro. Então a gente estava numa fase que cortou telefone, cortou internet, cortou porque não pagou, né. Cortaram a luz, a gente teve que emprestar dinheiro.

Tanto que a Casa ajudou a gente, porque eu não conseguia pagar aluguel, foi um rolo. Então eu ficava pensando, como vou comprar as coisas para ele, o que vai ser dessa criança. A gente ficava naquela.

Só que só chorava porque no fundo eu já queria. Só que eu falava: não, não dá pra gente viver de amor, falava para o meu marido. Não dá, porque não tem como.

Só que o meu marido, ele sempre foi contra (fazer o aborto), desde o começo, quando minha filha veio ele já falava, não, gravidez não é doença, a gente cria um, a gente cria dois. Quando o meu filho veio, a mesma coisa.

Só que eu sempre fui mais aquela xarope nesse ponto, não, não quero, não quero. Eu pensei em comprar o remédio, até procurei na internet.

Nesse meio tempo fui conversando com o meu marido. A gente conversou, aquela coisa toda, eu falei, não, então não vou tirar, então.

Fui no médico de novo, fiz ultrassom outra vez, procurei o obstetra, para começar a cuidar da gravidez. E a Casa me ligando (tinha entrado em contato pela internet), só que meu marido não deixava eu atender o telefone, porque na cabeça dele, ela ia me convencer a tirar (a fazer o aborto), porque a gente não sabia do que se tratava e nada assim. Daí um dia eu estava no ônibus indo trabalhar eu atendi e falei que não queria mais. Daí ela (quem me acompanha) começou a conversar comigo e explicou

tudo. Aí eu pesquisei na internet e vi uma matéria sobre o aborto e mostrou um feto, de 12 semanas e o médico fazendo o aborto e tal, e eu só chorava. Tem gente que fala que até 12 semanas não tem vida, mas isso não existe, a gente coloca na cabeça da gente pra pensar "eu não estou fazendo nada de errado". Então na verdade a gente tenta ficar com a consciência limpa.

Mas isso é aquilo que eu falo sobre o feminismo, que eu sou contra, porque a primeira coisa que eles falam "meu corpo, minhas regras". Mas não é seu corpo, o que está dentro de você já não é você. E hoje eu olho pra ele.

Na gravidez da minha filha eu já pensei, mas dele eu pensei mais longe, porque na gravidez dele eu cheguei a procurar, se uma pessoa vendesse o remédio, eu tinha comprado. Hoje eu olho pra ele.

Meu filho nasceu prematuro, toda aquela coisa, eu falei, pronto. Quando minha bolsa estourou e a mulher falava para o motorista, rápido, rápido, aquela sirene tocando e minha barriga doendo. Meu marido do lado, "calma, calma, não tem nada a ver, coisa da sua cabeça". Porque eu pensava, eu vou perder ele porque eu fiquei falando bobagem e graças a Deus deu tudo certo. Ele é um milagre. Quando ele veio, parece que o amor é dobrado.

Meu Deus, não era para ter e está aqui, e a gente fala de gasto, de gasto. Eu ganhei tudo daqui. Eu comprei o bonézinho que ele tá usando, unica coisa que eu comprei. Ele não me deu gasto nenhum, não dá trabalho nenhum é um amor de criança. E a gente fica pensando: eu não quero cuidar de neném, eu não deixar de sair, não quero sair do trabalho, tudo assim. Você, você, você. E ele? Ele só quer viver, mais nada. Fora que ele está me dando um descanso do trabalho (risos).

Hoje dá pra dizer que caiu a ficha, porque eu nunca parei para pesquisar sobre o assunto, depois você vem para uma Casa dessas, vê que tanta gente trabalha por uma causa. Eu acho que isso é bacana, porque se tem tanta gente trabalhando por uma causa é porque tem algum motivo, não é possível, "ah, o aborto não é nada".

Então, você começa a pesquisar, conversar, pelo menos eu sou assim, porque quando eu cheguei em casa e falei para o meu marido, meu marido não acreditou, falou "imagina, ninguém dá nada para ninguém de graça, ninguém ajuda ninguém". Aí, um mês depois que eu conheci me ligaram falando que tinha roupa para minha filha e para o meu filho. Meu marido achou que era mentira. "Não eles estão te sacaneando, você vai lá e não vai ter nada". Aí, levaram para mim, porque eu estava de ônibus. Roupa que

meus filhos usam até hoje. Aí meu marido falou: “Não te pediu nada? Não, não me pediu nada”.

No dia da beleza (um evento que a Casa promove para as acompanhadas) que teve aqui, me buscaram, levaram o carrinho de bebê pra mim, fralda, e foram me levar em casa. São coisas que a gente fala: “Existe gente boa ainda, existe gente abençoada, que ajuda e não quer nada em troca”. Então, na verdade não é só essa parte da questão do aborto que a gente aprende, a gente aprende mais coisa, a gente aprende que realmente dá para você ajudar a outra pessoa.

As coisas que eles me deram, carrinhos, banheira, você acaba ajudando outras pessoas também, carrinho, vou trazer de volta pra cá para doar, roupinha, eu dou para outra pessoa. A gente fica sensibilizado de todas as formas, tanto pela atitude do assunto do aborto, quando da parte de ajudar as pessoas. Eu pesquisei na internet e é um projeto grande, aquela coisa toda. Não é uma coisa que foi ontem que aconteceu, é um projeto bacana que tem muita gente envolvida por uma causa, é porque a causa é válida.

E as pessoas falam dos três meses, o meu filho no ultrassom de três meses, já estava completinho. O rapaz que fez minha ultrassom, falou que depois da 6ª semana já tem bracinho, perninha, só se desenvolver. E de fato, porque dos meus outros filhos eu fiz pelo SUS, né. Então, eu fiz ultrassom com 7 meses. Então toda minha família fez ultrassom pelo SUS, poucos ultrassons, e dele como a gente acompanhou desde o comezinho. Meu marido, “três meses, já tá assim já”. Aí a gente já se apaixonou de vez.

Até hoje a gente tá babando, porque a gente viu ele na UTI, pequenininho, ele era muito miudinho. Mas graças a Deus ele nem ficou entubado, na hora do parto a médica falou que ele ia para UTI, cheguei lá, ele não ficou entubado, lógico, na hora que ele estava na UTI, que foram os dias de ida e volta, a gente fala “meu Deus, isso não vai acabar”, porque na minha cabeça ele estava sofrendo, ele estava bem cuidado, mas não estava comigo. Ele tá aqui hoje, saudável, louco de esperto.

Depois que eu conheci a Casa, ela me tranquilizou bastante, porque até então eu estava sozinha, meu marido ganhava 1 salário mínimo, que não paga quase nem o aluguel, então, ela me deu o suporte, ligando, perguntando como está a gravidez, para não se preocupar, porque eles iam ajudar. Aí eu fui ficando mais calma, “qualquer coisa, eu tenho para onde correr”. E quando eu cheguei aqui, não tem como você não se sentir acolhido, parece que é a mãe da gente que dá aquele abraço. Eu me senti muito bem acolhida. Só isso me tranquilizou. Quando eu preciso eles estão aí.

Acho que a maior dificuldade está na cabeça da gente. É uma coisa pequena que a gente transforma, e na verdade uma coisinha assim que a gente tem que ficar feliz e a gente acaba colocando bastante coisa na cabeça que não tem nada a ver. Totalmente ao contrário do que tem que ser.

2 M.

– M., como começou toda essa história?

Então, quando eu descobri que estava grávida, acho que eu já estava de uns 4 meses, de 3 para 4 meses.

Em dezembro, tive uma relação com uma pessoa que eu fiquei durante 1 ano, a relação sexual tivemos 1 vez só e acabou que a gente não se viu mais. Passou Natal, ano novo e fevereiro, daí na minha primeira semana de férias eu bati o carro e até então eu não sabia que estava grávida, daí quando passou o mês de férias e eu passei o mês inteiro mal, eu não pensava que poderia estar grávida, e eu pensei que era de nervoso, por ter batido o carro e tudo mais.

Fui ao médico e tratei como dor de estômago, aí quando eu voltei de férias, meu amigo que trabalha comigo falou para fazer um exame de gravidez, “ah, não estou”, acho que eu não queria aceitar para mim mesma. Depois de umas duas semanas, ele me convenceu e a gente comprou um teste de farmácia, fiz e deu positivo. Daí eu falei: “Meu Deus do céu, daí eu nem pensei no pai da criança, eu pensei no meu pai”.

Falei: “Meu pai vai me matar, vai me tirar de casa, porque eu tenho dois irmãos, eu sou a mais nova. Porque meu irmão mais velho casou, todo tradicional e o meu pai sempre falava isso de mim e do meu irmão do meio”. Eu falei, “nossa, agora eu quero ver, né!”. E fiquei, acho que isso foi em março, fiquei de março até abril sem saber o que fazer. Pensando: “Não vou ter, eu não vou ter, porque meu pai vai aceitar, eu não tenho para onde ir”.

E eu pensava assim: o problema não é ter o neném, o problema é que assim, é que ele pega a gente 24 horas por dia, e é o resto da vida, né. Como eu vou cuidar de uma criança? Imagine educar, porque tem escola, alimentação, roupa, tudo, vem tudo na nossa cabeça e até esse momento o pai da neném não sabia que eu estava grávida, aí eu peguei, fui e contei para minha mãe. Porque ela notou que eu estava estranha, porque eu chegava em casa ia para o quarto dormir, não falava com ninguém, eu me fechei.

Ela me perguntou o que tinha acontecido, se eu estava usando droga, se eu estava em depressão, porque eu mudei. Antes eu chegava e conversava bastante com ela. Eu contei que estava grávida, falei que eu não queria, desde o momento que eu descobri até agora.

Nesse momento que falei para minha mãe, eu ainda estava com a ideia de que eu não queria, e isso ficou por mais um mês que eu não queria, não queria.

Na minha primeira ecografia, quando eu vi o neném, já dava pra ver o sexo tudo, eu desmaiei na sala da ecografia. Nossa, meu coração, eu ia tirar um nenezinho nascente.

Aí chegou a parte de eu contar para o pai do bebê. Ele falou que não era dele, porque o tempo não batia, porque se eu tivesse falado antes, ele pagaria para comprar remédio para não ter, que ele não ia, não queria saber. Eu peguei e falei “então tá, vou resolver do meu jeito, mas eu não vou tirar”.

Aí para contar pro meu pai, porque até então meu pai nem sabia, aí primeiro eu falei com meu irmão mais velho, porque a gente é bem amigo, contei pra ele.

– **Sua mãe ou seu irmão te influenciaram a não fazer o aborto, ou eles apoiavam se você fizesse?**

Não, em momento algum. Eu e minha mãe marcamos de se encontrar, ela perguntou o que você vai fazer da sua vida. Eu falei que não queria. Ela, “então tá, primeiro veja se você está grávida”, porque eu falei que só tinha feito o teste de farmácia, quando eu fiz a ecografia, ela falou “de maneira alguma você vai fazer uma loucura, tanto com tua vida em risco, quanto à do neném”.

Tanto que no dia da ecografia, ela foi junto comigo, passou mil coisas na minha cabeça. “Gente, como eu pensei em fazer isso?”. É que a gente nem imagina, como pode uma criança desse tamanho já estar dentro de mim?

Daí a gente contou para o meu pai, meu irmão me apoiou porque, eu chorei, chorei, chorei, meu medo assim era do meu pai. Eu não tinha tanta preocupação com o pai do bebê, por não querer, não se interessar, nada. A minha preocupação era com o meu pai.

E eu pensava muito assim também, além da questão que é para o resto da vida, tipo, eu pensei no futuro.

– **Você trabalhava, estudava?**

Eu estudava, eu trabalho e minha faculdade eu tinha trancado (antes da gravidez). Eu pensava: “como vou terminar a faculdade?”. Fora essas preocupações, era meu pai e a questão de que as pessoas querendo ou não, falam.

Aí cheguei, contei para o meu irmãos, falei que eu estava com medo do meu pai. Meu irmão falou: “não, se acontecer alguma coisa, você vem ficar aqui comigo”. Daí já é um alívio para o coração da gente.

Aí chegamos e contamos para meu pai. Ele chorou, chorou, chorou, mas ele me disse assim: “Eu jamais vou te expulsar de casa porque você engravidou, aconteceu, vai ficar com a gente”. Ficou um tempo assim, sem falar. Mas depois, ele levava fruta para mim, cuidava bastante.

A gravidez, até eu contar para o meu pai, para mim estava sendo um pesadelo, eu não gostava da ideia de estar grávida, estava pensando só no lado ruim, eu não dormia, não comia, não falava com ninguém, no meu trabalho tem bastante gente, eu converso bastante com o pessoal lá, todo mundo me falava “você tá bem?”. Eu falava “tô”, assim, eu me isolei totalmente do mundo, chorava bastante.

E depois disso parece que eu fiquei grávida pela primeira vez, e eu já estava grávida de 5 meses, a barriga estava começando a aparecer e eu comecei a aceitar, mas tipo, levou um tempo. Tanto que ninguém soube, só quando a barriga apareceu mesmo, porque para família, eu não contei para ninguém, minha mãe que começou a falar “ah, eu vou ser vó”!

Aí a gente vai fazendo as ecografias, vai vendo e vai pegando amor. Aí no final da gravidez, eu “ai, mãe, não quero que saia daqui”, na verdade eu aproveitei pouco né, depois de 5 meses eu fui aproveitar. Daí quando o meu filho nasceu, é o neném lá de casa, se deixar eles ficam o dia todo com o bebê, e eles vão a noite inteira no meu quarto, perguntam se tá bem, cuidam da minha alimentação, porque ele mama no peito.

E meu pai assim, parece que é filho dele, de tão vidrado que ele ficou. Ele chega do trabalho, a primeira coisa que ele vai ver é o neném. Dá até briga para pegar e na hora do banho, vai a família inteira para o quarto dar banho, na minha casa mora eu, minha mãe, meu pai, meu irmão do meio e o meu filho. E minha família às vezes pergunta: “e o pai do bebê?”. “Ai, não sei, estamos num processo”. Eu tenho um tio que o filho dele tem 9 meses e ele vai todo dia ver meu filho também. Todos acolheram bem. Me surpreendi, porque eu pensei “vão falar, vão não sei o que, não sei o que”.

– Você falou que está em processo, você tem contato com o pai do bebê?

Não. Depois que o bebê nasceu, eu falei que é filho dele, que ele tinha que cumprir com a obrigação dele, ele falou que não era dele, porque o tempo tá errado, que ele não ia assumir e se eu quisesse era para falar com o advogado dele. Então vamos

fazer um teste de DNA, sem justiça, porque é desgastante para todo mundo. Ele: “não, só vou fazer exame com ordem judicial”, minha cunhada, esposa do meu irmão ligou para ele, tentou conversar. E ele falou: “Eu não sei quanto vocês acham que eu ganho”, daí ela falou: “a gente não tá interessado na pensão, a gente quer saber o teu papel de pai, porque ele é teu filho e você é o pai dele”. Ele falou assim: “Não, se for o meu filho, eu só vou pagar pensão e não vou ver, não quero saber, não quero nada”. Daí desmoronou todo mundo lá em casa, porque o dinheiro em si, a gente trabalha, vai atrás, dá um jeito, mas a função de pai, não sou eu quem vai poder fazer né.

Eu vou estar lá, sempre, mas pai é pai. Estamos com um advogado, para entrar com a ação para fazer o exame, para ele ajudar. Já que ele falou que ia sair do Estado, do País, que não quer saber.

– Você falou que estava 1 ano com ele, mas sua família conhecia ele/tinha contato?

Não. Ele não era namorado, e tanto que a gente descobriu que ele era casado, e eu não sabia. Ele trabalhava perto de onde eu trabalho e sempre me buscava e a gente sempre saía, e ele não me falava nada. Tanto que quando minha cunhada ligou, ele falou que estava em processo de divórcio e só ia fazer o exame com ordem judicial. Foi um susto, e eu falei: “nossa mãe, eu fiquei com ele 1 ano para ter relação uma vez, para engravidar e acontecer tudo isso”. Mas a criança não tem culpa.

O dia que eu fui para ganhar meu filho, eu nunca tinha ficado internada, eu tinha pavor de agulha e eu cheguei na sala e passa a sua vida na sua cabeça, cheguei na sala de cirurgia, porque foi cesária, eu já cheguei querendo desmaiar. Eu pedi para deitar um pouco para ficar mais calma, tive que tomar duas anestésias, de tão nervosa que eu estava. Mas na hora que você vê o rostinho do bebê, você fala: “Por que que a gente pensou em fazer o aborto?”. Ele não tem culpa, é inocente de tudo.

Teve o tempo da gravidez que eu vejo que eu sofri e o tempo que eu pude aproveitar. Se eu pudesse teria aproveitado muito mais, porque aquele momento é eu em dois. Agora sou eu e ele separado. Mas é bom, quando ele está na barriga, você protege de tudo, ninguém fala nada, ele não vê nada.

– Como foi sua vinda para Casa Pró-Vida?

Então, a minha mãe, não sei se ela sabia da Casa. Ela falou assim:” Você vai fazer ecografia e vai conversar com uma moça”, porque até então, eu não queria, aí eu fui fiz ecografia, e quem me acompanha na Casa conversou com a gente. Acho que

minha mãe achou na internet. Mas foi minha mãe que falou daqui. Eu fiz tratamento psicológico aqui, porque eu chorei bastante, eu vim no dia dos eventos com as mães (é que eu moro muito longe), se eu pudesse eu sempre estava mais presente aqui. Falei pra minha mãe: “As mulheres (que me atenderam) vão ficar para o resto da minha vida”. Imagine, salvaram meu filho, se não fossem elas, vai saber a loucura que a gente faz.

Eu falei pra minha mãe, nossa Deus faz certo por linhas tortas mesmo, né, porque, imagine se eu não falo pra mãe que eu não queria, minto, falo que vou ter, e não tenho, faço uma loucura, porque eu me fechei de tudo, às vezes, mentia pra minha mãe em relação a gravidez, porque eu me fechei.

Tanto tempo que eu levei pra contar, de acontecer tudo, acho que foi tudo no tempo certo. Imagine se eu tivesse falando antes e tivesse tirado antes. Tanto a hora de eu contar, de tudo acontecer, da minha mãe pensar em encontrar a Casa. É Deus.

A gente sofre, chora, às olha aquele sorriso.

— **Você já acreditava em Deus?**

Já. A minha mãe vai toda semana na Igreja, eu ia com ela, mas tinha me distanciado um pouco. Agora eu vou e levo o neném. Sem Deus a vida da gente não vai para frente, ou a gente estaciona onde tá ou a gente só vai para trás.

Um pouco quem me trouxe isso foi a Casa, parecia que tinha uma nuvem negra em cima da gente e o dia que a Casa conversa com a gente parece que lava a alma. Sempre que dá eu to indo na Igreja e levando ele, porque eu vi que sem Deus, não dá certo.

Eu pesquisei, mas não cheguei a tomar chá, nada. Eu tive muitas pessoas que me aconselharam para fazer o aborto e no meio de tanta gente para o lado ruim, teve uma pessoa que salvou uma pessoa a mais no mundo.

Eu tenho uma amiga que ela falou que abortou e agora ela não pode ter mais filho, tanto que agora que meu filho nasceu, ela vai toda semana ver ele e ela gosta muito dele. E ela falou que ficou um tempo assim, vinha na cabeça dela sobre neném, ela ficava desesperada, ela falou que faz tempo que ela abortou, mas quando ela abortou e ela viu, acho que ela tomou remédio, que ela viu, acho que o feto, que ela entrou em desespero, que ela ficou dias sem dormir. Hoje em dia ela não pode ter filho, teve consequência e ela diz que se arrepende até hoje de ter feito.

E tem outra menina, que ela falou que abortou, porque ficou com medo do pai dela também, a pessoa que ela estava junto dela, falou que não ia ajudar e daí ela

abortou e ela diz que até hoje ela se arrepende. E a irmã dela mais nova teve filho, e é o xodó da família, e vê o pai dela com a sobrinha, e ela poderia ter tido a neném dela.

3 N.

– Como começou tudo isso?

Na realidade é porque não foi uma gravidez planejada, né. Quando eu tentei engravidar, uns anos atrás, que eu era casada, o médico falou que eu não podia, então, tipo, às vezes, tomava as medidas certas para se prevenir. E na época que eu descobri a gravidez eu não estava com o pai das crianças, tipo, a gente tinha se separado uma semana antes e depois de dois dias que a gente voltou eu descobri a gravidez, porque eu fui para balada, bebi e fiquei passando mal uma semana, foi quando eu fui no posto e fiz exame de sangue o médico descobriu que eu estava grávida, e eu já estava de 3 meses e meio. E eu não estava trabalhando na época, então aquilo ali pra mim, não foi nem porque eu não queria ser mãe. Eu imaginava: como vou me sustentar? Pagar aluguel? Pagar as contas? Pra mim, era uma criança ainda (mais tarde descobre grávida de gêmeos) e eu não aceitava.

Aí tinha o dentista do posto, sempre ela estava na sala com minha médica, elas viram que eu não estava assim, entusiasmada, eu falava que não queria. Aí um dia ela pegou e falou para eu conversar com a psicóloga do posto de saúde, né, só que eu nunca ia conversar com a psicóloga. E aí quando eu fui um dia, ela me disse que tinha um número de uma moça que ela ia me ajudar, só que eu também nunca ligava para esta mulher.

– Estava meio que fugindo...

Sei lá, naquela fase a única coisa que eu tinha na minha cabeça é como eu ia dar conta e tudo isso, só chorava, então eu não pensava em nada, pra mim eu estava num beco sem saída. E aí eu comecei, pesquisei na internet chás abortivos, porque, nossa, graças a Deus que eu não conheço ninguém que vende remédio tipo, para aborto, porque eu acho que se eu soubesse, eu tinha dado um jeito e comprado esse remédio. Eu tomei o chá, mas não fazia efeito, mas na mesma hora que eu tomava dava aquele arrependimento, sabe, porque eu queria, mas ao mesmo tempo eu não queria.

Aí quando foi um dia marcaram a primeira ecografia, cheguei lá, eram gêmeos. Nossa Senhora, daí o meu desespero foi maior, eu: “mãe, eu não quero”. Eu liguei para minha mãe chorando na mesma hora, como eu vou dar conta de duas crianças, se eu mal

cuido de mim. Veio o desespero, aí eu tomava os chás direto, minha amiga falou que com ela funcionou, só que o neném ficou morto dentro dela durante muito tempo.

Comigo sentia que não ia fazer resultado, eu tomava, mas eu sabia que não ia, sei lá, uma coisa lá no fundo falava “não vai fazer resultado”. Eu caí 4 vezes da escada do meu trabalho, tipo, normal, e na 5ª vez que eu caí eu tive um sangramento, eu tive problema de pressão o tempo inteiro na minha gravidez, e nesse dia que tive sangramento e aí naquele momento que eu vi que eu podia perder eles, aí deu aquele, “não, eu não quero perder eles. Eu quero eles”.

Ali, que eu vi que eu queria ter eles, que o medo de perder eles foi maior que o medo que eu tinha de não poder dar conta dos dois. Nesse dia que passei mal eu tinha marcado com a moça da Casa. Nesse mesmo dia a minha amiga ganhou neném (uma amiga que também foi atendida pela Casa). Me levaram para o Hospital Trabalhador e a moça da Casa estava lá, com minha amiga, eu estava do lado dela, mas eu não sabia que era ela.

Quando eu tive alta do hospital liguei pra ela dizendo que eu não podia encontrar ela, porque eu estava no hospital e tinha caído. Daí ela me perguntou qual hospital eu estava e eu falei que era o Trabalhador, só que nisso eu já tinha saído de dentro hospital. Ela falou que estava no estacionamento, aí me pegou e a gente começou a conversar.

E eu falei para ela porque o pai do neném não aceitava, ele falava que não era dele, que ele não ia ajudar, que ele podia até pagar pensão, mas ele nunca ia ter amor neles, eles eram filhos de macaco, não eram filhos dele.

E aí eu falei que na época eu estava morando com ele. Minha gravidez foi a parte mais turbulenta do meu relacionamento com ele, ele sumia, voltava para beber, voltava dias depois, ficava com outras gurias, ele chegou a levar mulher para dentro de casa, então foi tipo assim, outra coisa que eu não queria que as crianças fossem dele, porque eu sabia que eu ia ter uma ligação o resto da vida com ele.

E aí a moça me falou para mim: “se eu arrumar um lugar para você ficar, você sai de dentro da casa dele?”. E ele sempre me mandava embora, só que ele sabia que eu não tinha para onde ir, né. E aí eu falei que sim, aí quando foi num sábado foi buscar minhas coisas e aí eu fui morar na Casa Pró-Vida.

Quando ele chegou, que ele não me encontrou, não viu nada meu lá, ele mandou mensagem, ligou e perguntou, eu falei: “você que me mandou embora daí, eu

só achei alguém para me ajudar”. Aí me deram todo o enxoval das crianças, não só o enxoval, porque até hoje estou passando por muito aperto, agora o desemprego.

Ela fazia compra pra mim, no Natal mesmo que depois eu tive alta do hospital, eu tive eclampsia na gravidez, eu quase morri, porque rim e fígado não estavam mais funcionando e eu não tinha de onde tirar dinheiro para comprar remédio. A Casa me levou remédio, então assim, sempre me dava apoio.

– Alguém mais sabia da sua gravidez, alguém te apoiava?

Todo mundo sabia, só que todo mundo morava longe e tipo, na minha família ninguém tinha condições de me ajudar financeiramente, minha família é do Amazonas. Para não dizer que eu não recebi uma ajuda, meu pai me mandou 200 reais, nisso eu já estava ganhando os bebês, mas tipo, as coisas das crianças, tudo que eles têm foi a Casa Pró-Vida que deu.

Eu acho que pra mim a parte mais difícil foi quando eu vi eles, porque veio aquele remorso de tentar ter tirado, que não queria, então tipo, tudo aquilo que eu falava vinha à tona quando eu vi eles. E tipo, eles tão inocente ali, precisando da gente.

E hoje eu olho para eles e sinto que foi a melhor escolha que eu fiz, foi ter aceitado eles na minha vida. Aquele sorrisinho, nossa, às vezes eu estou estressada, com raiva, eu vejo aquele sorriso, a raiva toda passa.

Foi muito ruim, porque eu tive pneumonia e aí me internaram, só que minha pressão já estava alta, estava 15. E a médica me deu alta, só que como minha gravidez era de alto risco, aí o médico, eu fazia acompanhamento pelo Hospital do Evangélico, dois dias depois eu fui lá, o médico foi medir minha pressão e estava 17 por 8, ele falou: “como te deram alta?”. E eu estava com contração, com 3 de dilatação. E aí me internaram na mesma hora, e nessa época, tipo, eu não comia na minha gravidez, para dizer a verdade, eu tomava muito líquido, mas eu não conseguia comer, eu não sentia vontade de comer. Então eu já estava muito fraca, eu fiquei no soro, e aí dois dias depois, os rins e o fígado começaram a meio que parar. E uma semana depois, a médica veio falar comigo, que a gente iria ter que tirar os bebês, “para salvar você e eles. Porque se continuar assim, você pode morrer, ou eles”. Pra mim, eu não entendi na hora, o que ela quis dizer, eu estava tão dopada, eu achei que tirar, seria meio que matar um deles, nossa, veio um desespero muito grande, mas quando eu entrei na sala de cirurgia, a única coisa que pedi a Deus foi para proteger eles, eu não pensei nem em mim, só neles. E aí como eu estava topada, tinha hora que eu tinha meio que reação à

anestesia, sentia enjoio. Numa dessas horas, eu acordei, escutei o choro deles. Aí o médico falou: “parabéns, os seu filhos nasceram muito saudáveis e são grandes para ser de 7 meses”.

Fui ver eles dois dias depois, porque eu não conseguia andar, muito fraca, e foi cesária, mas aí estão aí, saudável, assim, eles ficaram 60 dias na maternidade ainda, a menina estourou uns balõezinhos no pulmão dela, eles tiveram infecção. Mas estão saudáveis hoje, estão enormes, o menino está com 7kg e estão com 8 meses.

– E valeu a pena?

Valeu a pena, nossa as vezes eu me aperreio, por que falta as coisas, mas vale a pena sim, aquele sorrisinho, nossa! Agora eles estão meio que aprendendo a fazer as coisas. Estão enormes, tem hora até que dá vontade ter outro. Eles passavam o dia inteiro mexendo e eu na realidade mais reclamava, eu reclamava muito. Eu não dormia, eu não conseguia ficar sentada, deitado, de nenhum jeito estava bom pra mim, só que cada mexida deles era uma comemoração lá em casa, porque minhas duas irmãs moravam comigo, o tempo inteiro conversavam com a barriga, e eu gostava de cantar, quando eu cantava para eles pareciam que eles se acalmavam, acho que dormiam dentro da barriga. Eu gostava de fazer as ecografias e ouvi o coração, toda vez que eu ouvia o coraçãozinho deles eu chorava.

– O que vocêalaria para uma pessoa que está pensando em abortar?

Na verdade, eu não sei, eu entendo quando a pessoa está passando por diversas situações, ela sinta essa vontade, sabe. Só que eu sei que quando você olha para eles tudo isso passa. Você vai passar aperto, sim, não tem como. Só que vale a pena. Se fosse para eu voltar atrás eu nunca tinha pensado em fazer o aborto, mais tarde o arrependimento vai bater. Na realidade, a culpa não são deles. Eles nao pediram para vir no mundo, mas já que vieram, eles não merecem ser maltrados, e eles vão ser as únicas pessoas que nunca vão abandonar, vão ser seus para o resto da vida, ninguém vai tirar aquele amor de você.

Se eu fosse aconselhar uma pessoa, eu diria para não fazer o aborto, nem pensar nisso. Eu lembro, só de pensar nisso eu já me sinto mal, eu olho para eles e sempre peço perdão, vejo a inocência deles, eles não mereciam nada do que eu falei ou que o pai deles falou, porque ele também pensava desse jeito, não queria, mas hoje olha pra eles do mesmo jeito, com o mesmo amor que eu tenho, ele tem. E também sempre pede perdão.

Hoje eu não estou com o pai dos meus filhos, mas ele sempre vai ver, ele não ajuda muito financeiramente, ele já tem dois filhos já, então tipo, 20 reais hoje não é nada, os dois em dois dias gastam praticamente 30 fraldas. A parte financeira é complicada, mas a sentimental tá ótima, tem amor demais.

São os primeiros netos, até quando eu falava que não queria, minha mãe falava: “me dá, que eu vou cuidar deles”. Eu falava: “mãe, você não dá conta mais nem de você”, ela tem uns problemas de saúde. As tias também, minha irmã é como segunda mãe.

4 V.

– Como começou tudo?

Então, Marcia, foi assim. Eu fui casada durante 8 anos, com o pai da minha filha que vai fazer 3 anos agora em janeiro, daí a gente se separou, agora faz quase 9 meses. Eu acabei me envolvendo com outra pessoa. Nisso aconteceu de engravidar.

Antes de saber que estava grávida, eu tive uma decepção muito grande com esse menino que eu estava, a gente ficou junto uma semana e pouco. Ele fazia juras de amor, falava bastante coisa, e como eu estava recém-separada, eu acreditava em tudo que ele me falava, na verdade eu quis esquecer meu ex, encontrando outra pessoa. Aí eu descobri que ele era casado, que tinha uma filha de 4 meses, foi uma decepção, bem grande assim. Aí eu terminei com ele.

Minha menstruação atrasou, fui fazer o exame e estava grávida. Só que até então eu pensava que era do pai da minha filha. Ele ficou todo feliz, porque a gente ia voltar e tudo. Daí eu fui fazer a ecografia e na ecografia deu que não era dele, pelo tempo de gestação. Aí eu fiquei desesperada. Sem saber o que fazer.

Aí eu conversei com uma amiga, falei pra ela: “preciso fazer qualquer coisa, preciso tirar essa criança, porque eu não quero”. Daí ela me ajudou, ela que pesquisou na internet, aí ela me passou o contato (da Casa). Aí eu entrei em contato, a Casa marcou um encontro. O primeiro encontro não deu certo, mas pai da minha filha ia junto.

– Ele sabia que você queria fazer o aborto?

Sabia, não vou dizer que ele me apoiou, mas ele em momento algum ele falou: “É uma vida”. Ele não chegou a falar que me ajudaria, se quiser eu pago, isso ele não falou. O pai do bebê mesmo (que queria abortar) fui contar há uns 3, 4 meses, que eu

contei para ele, que eu tava grávida dele, que era dele. Ele prometeu muita coisa, falou que ia me ajudar, isso e aquilo. E no fim, ele simplesmente sumiu, trocou de número, não tem o mesmo contato, também eu não faço questão, sabe, que tenha contato nenhum.

Daí eu entrei em contato com a Casa, marquei, fui acompanhada. Nós conversamos bastante e um dia quem me acompanha perguntou se eu queria dar um Sim à Vida e eu falei que sim.

Você corre o risco, né, de morrer, e sem contar que se não morrer acho que a consciência da mulher, nunca mais volta ao normal, porque querendo ou não é uma vida, acho que é pior ainda, porque é uma vida indefesa. Porque ele não tem o que fazer, se eu tomar alguma coisa, se eu tentar abortar, como ele vai se defender? A proteção do neném, na verdade, sou eu. Eu tentei, nossa, eu tomei chá, que eles falam, pesquisei, tem muita coisa na internet sobre isso. Eu tomava tudo que mencionava, tudo que falavam. Demorou um pouco para eu aceitar a gravidez, mas hoje em dia já estou ansiosa para hora que ele chegar, já estou organizando o que tem que organizar.

Eu e meu ex-marido, não estamos juntos, porque ele diz que não consegue aceitar a criança, então, eu acho que se ele sentisse alguma coisa, amor por mim, ele aceitaria. Porque a criança não tem culpa, e porque quando eu saí da casa dele, eu não estava traindo ele. A gente se separou, porque já não estava bem nossa relação, né, daí a gente se separou, daí eu engravidei, por que que eu vou me sentir culpada? Por que que eu vou culpar o neném?

Então, depois que eu disse Sim à Vida, ainda foi complicado. Eu estava decidida a dar o bebê, quando nascesse eu ia dar para o pai dele, ele ia levar embora, e o pai dele ia cuidar, estava decidida a isso. Conversava com a psicóloga, já consegui aceitar a gravidez, comprar roupinha. Foi bem difícil, mas agora eu vejo a felicidade da minha filha, vai ter um irmão.

Se eu desse para o pai dele, ou se eu abortasse, é a mesma coisa se eu estivesse fazendo com a minha filha, mesma coisa se eu estivesse dando a minha filha mais velha, "vai morar com o seu pai", ou estivesse matando ela, seria a mesma coisa, porque é filho. Agora está bem tranquilo. O Sim à Vida valeu muito a pena.

Eu imagino como fica a cabeça da pessoa depois, como você consegue deitar no travesseiro, sem contar que às vezes fica perturbada, sei lá.

– Você tinha essa perturbação já?

Eu ficava imaginando: Eu vou abortar, daí depois que eu tirar, eu vou ficar com aquele negócio na cabeça, então, eu sonhava, com isso. Imaginava que eu tinha abortado, escutava choro de criança, tudo isso no sonho. Até falei para quem me atendeu “Imagina se eu realmente tivesse abortado, acho que eu tinha ficado louca”. Porque se antes de fazer já tinha esses pensamentos, imagine depois. Seria a mesma coisa de eu estar matando a minha filha.

– **Você o ama?**

Sim, Marcia, hoje eu posso dizer que eu amo, que é meu filho. Eu consigo dizer isso. A minha barriga começou a aparecer depois que eu aceitei, antes de aceitar, eu não tinha barriga. Eu me olhava em frente ao espelho, procurava usar roupa larga, roupa que não mostrasse, para esconder. E depois que eu assumi, eu falo, que até parece que minha saúde está melhor, porque antes eu vivia doente. Eu vivia passando mal.

Volta e meia eu estava de atestado no serviço, porque eu não tava bem. Volta e meia eu estava passando mal, sempre era alguma coisa, ou era pedra no rim, ou era começo de aborto, ou descolamento de placenta. Eu sempre tinha alguma coisa. E depois que eu aceitei, está mais tranquilo. Estou com 7 meses.

5 R.

– **Então, R., como começou tudo isso?**

Começou com 6 meses de namoro, e aí aconteceu, nós não nos cuidamos e eu parei de tomar anticoncepcional. Aí no dia que eu descobri, eu já estava com uns 2 meses já, e só descobri porque eu comecei a vomitar muito depois que eu comia. Mas eu não sabia, achava que, “ah, tô doente”. Ficava tonta, teve uma vez que eu quase desmaiei dentro do ônibus e falei “não, não pode ser normal”.

E aí, meu namorado falou que não queria ter um filho, porque ele era muito novo, imagine eu, que era mais nova ainda. Ele estava pesquisando na internet e achou a Casa e marcou pra eu conversar, ele nem foi junto. Achava que era para fazer o aborto. Aí eu e quem acompanha na Casa se encontramos no shopping, assim foi o primeiro contato.

E acho que um mês depois meu celular quebrou e eu não tinha como falar com ela. Eu fiquei esperando e aí ela foi até o trabalho da minha mãe, eu tinha mostrado onde era. Conversou com minha mãe (que não sabia de nada). Aí eu tinha saído com minha amiga, a gente se encontrou no terminal do Campo Comprido, aí eu olho assim,

de longe, a minha mãe e a mulher que me atendeu. Eu já estava de 4 meses, não tinha barriga nenhuma, foi aparecer com 6 meses, aí ela contou para minha mãe e perguntou porque eu não tinha contado pra ela, porque ela não ia ficar brava comigo, ela ia me ajudar. A gente foi fazer o ultrassom junto.

– Por que você pensava em fazer o aborto?

Porque eu tinha 17 anos, eu ganhei ela, e aí eu fiz 18 e eu pensava assim: “Não valeria a pena agora, cedo, ter um neném”, porque eu sei que eu não ia me casar com ele, eu sei que ele ia embora, eu sabia que eu não ia dar tanta atenção pra ela, porque eu ia estar ocupada, fazendo outra coisa. Mas no final, eu consegui fazer tudo, terminei a minha escola, com ela na barriga ainda e eu consigo fazer tudo com ela.

– E o pai dela, que apoiava você fazer o aborto, depois que você deu um Sim à Vida?

Eu parei de falar com ele, falei que tinha feito o aborto. Minha mãe, falou pra eu conversar com ele, porque ele tinha pedido para voltar comigo, e não sabia que eu estava grávida ainda, ele queria voltar comigo sem eu estar grávida. Falei para ele, ele ficou chocado, assim, mas falou que ia colocar o nome dele nela, mas eu não fazia tanta questão, porque eu sabia que ele não ia ajudar muito, ele tem 21 anos, ele não terminou o ensino médio.

Ele ficou meio surpreso, falou que ia colocar o nome dele nela, que ia tentar me ajudar. Hoje ele só aparece de meses em meses, um mês sim, um não, ele leva 100 reais um mês, aí passa 2 sem levar. Acha que está ajudando, mas né, ela não reconhece muito ele, porque ele não vai tanto lá, ela estranha muito ele.

– Como foi o período que você estava pensando eu abortar?

Foi horrível, eu chorava todo o dia, porque, depois que eu perdi o contato quem me acompanhava eu já tinha feito um ultrassom e eu ficava olhando e chorando muito. Porque eu não sabia mais o que fazer, eu queria ter ela, mas eu não queria ter ela agora, é muito difícil essa fase, porque você não sabe o que vai acontecer. Você pode esperar coisas ruins acontecerem, mas também coisas boas.

– E porque valeu a pena continuar a gravidez?

Assim, eu vejo isso (olha para a criança no colo) porque é uma coisa maravilhosa, a gente pode bagunçar junto. Acontece coisas ruins às vezes, de ficar doente e você ter que ficar acordada a madrugada inteira para cuidar dela. Mas é maravilhoso ter uns pezinhos pequeninhos em casa.

A minha mãe adora ela, ama ela, e minha mãe, eu acho que me apoiou muito, porque ela sabe o quanto é difícil você ser novo e ter um filho. Ela teve o meu irmão com 18 anos também e a mãe dela não ajudou, mas ela me ajudou muito, até agora me ajuda, ela que compra leite, cuida da minha filha no fim de semana que ela não trabalha. Meu padrasto também, ele que me leva nos lugares, no médico pra levar ela, que compra os remédios quando precisa.

– Por que não abortar?

Porque, acordar de manhã com um sorrisinho é a coisa mais perfeita do mundo, mesmo que você não tenha o apoio do seu namorado, marido, você vai ter apoio de outras pessoas e a primeira coisa que você vai ver quando fizer um ultrassom, vai ser o rostinho, imaginando como vai ser, a alegria que vai dar. Claro que tem muita dificuldade, muito choro, muitas noites sem sono, mas vale a pena.

6 H.

– Como que começou toda essa história?

Na verdade, assim, eu nem esperava engravidar, com 41 anos não fazia parte mais da minha vida. Pra mim era uma coisa impossível, mas acabou acontecendo, eu me envolvi com uma pessoa. Foi uma coisa rápida, eu tinha acabado de conhecer e acabei e de uma única relação eu acabei engravidando. Então assim, pra mim, no momento a minha resposta era não, eu não vou ter esse bebê, não havia possibilidade pra mim de ter a criança. Então meu primeiro pensamento foi: “eu vou abortar”. Eu vou fazer alguma coisa, mas eu não vou ter a criança.

– O que mais te levou a pensar isso?

Tudo, várias coisas. Eu morava com minha mãe, com meu filho mais velho, meu pai e com meu outro irmão. Então, eu não tinha nenhum espaço para ter uma criança e também não encaixava na minha vida uma criança, porque, como eu ia trabalhar, quem ia cuidar da criança? Eu estava planejando fazer uma pós, como vou fazer uma pós com um bebê. Não tinha espaço para cuidar da criança, como eu ia dizer para minha família, como eu ia dizer para o meu filho de 20 anos: “olha, eu tô grávida”. Vou ter um bebê de uma relação que passageira. Eu vou abortar, eu vou tirar. Em nenhum momento passava pela minha cabeça: “Ah, eu vou ter”. Era uma coisa que já estava fixa, eu estava decidida. Eu ia abortar a criança, eu ia tirar.

– Você estava decidida a abortar. Como foi o processo? Procurou chá, remédio?

Então, quando eu descobri, não contei para ninguém. Só eu sabia. Eu descobri porque eu trabalho numa clínica de imagens, eu mesma fui até o aparelho, minha menstruação estava atrasada uns 10 dias, mas eu pensei que era pela idade ia entrar na menopausa. Fui dar uma olhadinha para ver como que acontecia, eu mesma peguei o aparelho, porque eu trabalho há vários anos já na área, já conhecia um pouco o aparelho, coloquei na minha barriga e percebi que tinha algo diferente, já tinha lá o saquinho gestacional. Eu fiquei desesperada, mas não contei para ninguém, mas eu tinha certeza que era. Eu já conheço a imagem, já sei. Passei na farmácia, comprei o teste de gravidez, deu positivo. Meu pensamento foi: “como eu vou fazer? Como eu vou abortar?”. Então, eu comecei a tomando chá, vários chás, vários tipos. Tudo que eu achava, eu tomava. Só que não tive nenhum resultado, eu ia no aparelho, verificava e estava ali o bebezinho.

– Você chegou a procurar um lugar que fazia aborto?

Primeiro, eu tentei fazer tudo, procurei remédios, acabei conhecendo pessoas ruins, falaram que iam vender, que iam me enviar, paguei por isso, não me enviaram. Perdi o dinheiro. Fui procurando, não achava uma forma. Não chegava esse medicamento. Foi quando eu procurei em sites, clínicas de aborto, entrei em um site, mandei um e-mail e alguém me respondeu esse e-mail, falando que em Curitiba não tinha nenhuma clínica, devido a algumas denúncias, as clínicas clandestinas tinham sido fechadas, que tinha uma em Santa Catarina, se eu quisesse eu poderia ir para lá, ficava lá e fazia o aborto. Eu falei que não podia ir porque estava trabalhando e outra porque eu não ia me deslocar, não sabia quem era, não ia me expor. Eu estava louca, mas não estava tanto.

– Em tudo isso, você estava sozinha?

Sozinha, ninguém sabe, até hoje ninguém sabe, nem meu filho. Isso que estou expondo ninguém sabe, nunca contém dessa forma. Foi quando daí alguém me falou da Casa Pró-Vida. Pra mim isso foi uma luz, comecei a me comunicar com a Casa e marquei um dia para conversar.

Só que eu já estava depressiva, estava emagrecendo, já estava num stress já não dormia mais. Estava me intoxicando de tanto tomar chá, de tanto tomar um monte de coisa. Eu estava no limite. E sem conversar com ninguém, sem ninguém saber, sem

trocar ideias, sem ninguém pra me dizer sim ou não, então, eu guardei tudo pra mim, no meu trabalho eu estava diferente, já me chamaram para conversar, sobre o que estava acontecendo, se eu estava com algum problema. Mas eu nunca falava.

Nos acompanhamentos, o pensamento de aborto foi sumindo. Então, eu comecei a imaginar, eu com a criança, eu assumindo tudo aquilo. Eu tinha medo que eu tinha de assumir, e destruir tudo aquilo que construí. De repente chegar em casa, falar que estou grávida. Mas grávida do que? De quem?

Eu decidi ter a criança. Pensei comigo: “Eu vou ter essa criança. Como? Eu não sei, como vai ser eu não sei, como eu vou falar para meu filho eu não sei”, mas decidi que eu iria ter, eu estava com 9 semanas.

A Casa Pró-Vida estava disposta a ajudar em tudo que precisasse, se eu precisasse de ajuda com minha família, conversar com eles, com meu filho, se caso não tivesse onde ficar, arrumaria um lugar para eu ficar. Ela me ofereceu tudo que eu precisasse.

E assim foi, fui trabalhar, continuei meu trabalho normal. Liguei para meu filho, perguntei se ele ia sair, ele falou que não, “então me espera em casa que a gente precisa conversar hoje”.

Decidi e não relutei mais, eu vou falar, eu vou continuar, eu vou ter a criança, foi assim o pensamento. Fui até o quarto do meu filho, falei: “Filho”, e comecei a chorar, chorar, não conseguia falar e ele já achou que era alguma coisa, que eu estava com alguma doença, alguma coisa assim. Quando eu falei pra ele foi uma coisa totalmente diferente daquilo que imaginava, a gente imagina uma coisa, sempre a gente imagina o pior, que a pessoa vai te virar as costas, que a pessoa vai te abandonar, que vai te julgar, talvez muitas pessoas te julguem, mas tem muitas pessoas que te dão apoio.

Ele falou: “Não, mãe, a gente tá junto”, ele me abraçou e até então foi nesse momento que cruzou nossos laços com o nosso pequeno. A gente conversou e eu falei: “Agora, filho, a gente vai lá na sala e a gente vai contar para vó e vamos contar para o meu irmão e para o vô. A gente foi pra sala, eu contei, meu irmão ficou contente, “nossa vai ter um neném, que legal”.

Eu falei que não queria que fosse assim, que eu pensei em fazer o aborto. E ele: “Não, imagine. Que aborto, nada”. Eles me apoiaram muito. Foi totalmente ao contrário daquilo que eu imaginava, minha mãe é a que ficou mais chocadinha um pouco, porque

mãe tem aquela imagem, minha filha mãe solteira, aquele pensamento, né, no que os outros vão falar. Meu pai, tranquilo também, não falou nada.

Fui trabalhar, contei na empresa também, avisei o RH, que eu ia ter um bebê, que eu estava grávida. Conforme eu fui vendo meus irmãos, meu irmão e minha cunhada foram em casa, contei para eles também. Totalmente ao contrário do que eu imaginava. Acabou virando uma festa, o que para mim era uma coisa impossível se tornou possível.

E assim, não foi fácil, mesmo todos eles aceitando, eu demorei para me imaginar, ser mãe de novo, engravidar, ficar sozinha. Tentei falar com o pai da criança. Ele não quis saber, ele mudou os telefones, ele fugiu, ele simplesmente sumiu, ele evaporou. Então não tive nenhum apoio, isso é muito difícil, fui atrás dele não encontrei, na empresa em que dizia que trabalhava não encontrei. Então assim, evaporou, mas eu decidi ter a criança, mesmo depois que ele nasceu, eu fui atrás, mas ele sumiu.

Então, eu decidi tocar minha vida, cuidar do meu filho e se um dia o pai dele vir atrás, ele tem o direito de pai, ele vai ter, mas eu não vou ficar sofrendo por isso. Vou cuidar do meu filho e seguir minha vida.

Minha mãe não me expulsou de casa, nesse período tomei uma decisão minha, sair de casa, alugar um apartamento, mobiliar essa casa. Então, ficou bem pesado pra mim, enxoval de bebê foi a Casa Pró-Vida que me ajudou, que me forneceu as roupinhas, fraldas, carrinhos, e deixou à disposição pra tudo que precisasse. Então, isso foi me fortalecendo. Hoje estou aí com meu apartamento alugado, comprei minhas coisinhas, a casa está mobiliada, o meu filho está super bem, tá lindo, é minha vida, não consigo imaginar minha vida sem ele.

Tento apagar da minha cabeça o que eu poderia ter feito. Se eu tivesse feito isso, não ia conhecer este rostinho maravilhoso. Esse sorriso, não ia ter essa coisinha linda na minha vida.

– Se você tivesse que definir em uma palavra que você passou durante o período que pensou no aborto e uma para quando decidiu ter o filho.

Olha, eu acho que foi sofrimentos todos os sentidos. O aborto naquele momento era a única saída. Medo, desespero, eu fiquei desesperada, desesperada mesmo, é como se o mundo tivesse desabado. Eu nunca pensei em me suicidar, em pôr

um fim na minha vida, mas naquele momento, eu pensei muitas vezes. Não em colocar fim só na vida dele, mas na minha também.

E depois de tudo isso, hoje eu sinto paz, vejo como eu sou forte. O caminho não é fácil, o certo não é fácil, mas você consegue vencer, você deitar com a cabeça tranquila e dizer assim “puxa, ainda bem que eu não fiz”. Muita paz, muita tranquilidade.

Hoje eu vejo assim, acredito que minha vida melhorou 100%, mudou! A relação com meu filho mais velho mudou, eu conheci quem realmente é meu filho, meu filho, ele é meu amigo, companheiro, mais que um filho, me acompanhou durante a gestação, tudo que eu precisava, ele estava do meu lado, em nenhum momento, ele me abandonou, ou falou alguma coisa que me ofendesse, em nenhum momento. Ele sempre esteve do meu lado, então, eu tenho muito orgulho do meu filho, eu tenho certeza que o bebê vai ser tão maravilhoso quanto meu filho mais velho é.

7 A.

– A., como começou toda a história, de pensar em fazer o abortar?

Minha história começou vai fazer 3 anos, porque a minha filha vai fazer 3 anos agora dia 7 de abril. Pra mim é difícil falar porque eu me emociono muito, hoje ela é o amor da minha vida. É tudo o que eu tenho de mais importante, ela e o outro filho.

Eu estava casada e me separei, acabei me envolvendo com outra pessoa, engravidei dessa pessoa, só que eu não queria a criança, porque eu queria curtir a minha vida, eu tinha acabado de me separar. Queria ficar sozinha, ou no máximo voltar com meu ex-marido e tenho outro filho que tinha na época 3 anos de idade também.

Então, eu me envolvi com essa pessoa. Essa pessoa também não queria a criança, chegou a comprar remédio para que eu abortar, chegou a pagar 500 reais, por uma coisa clandestina. Eu já tava ali, com uns 3 meses de gravidez. Eu também tomei chá, para tentar não ter ela. E esse chá me fez um mal muito grande, porque ao invés de fazer aquilo que eu queria, ele fez mal pra mim, não pra ela. Eu vomitei a noite inteira, passei mal e (ela) continuou lá.

E nessa época eu estava na casa desse homem com meu filho. Eu resolvi voltar para a casa da minha mãe, onde eu tenho uma casa no mesmo terreno. Onde eu morava com meu ex-marido. Voltei, eles arrumaram a casa toda pra mim, e eu tinha que contar para minha mãe, a mulher que me atendeu na Casa queria me ajudar a contar pra minha

mãe. Então com muito cuidado eu falei para minha mãe, falei para minha mãe que eu não queria a criança, e o remédio estava lá, na casa dele me esperando.

– Então vocês tinham um relacionamento?

Eu tinha um relacionamento com ele, deve ter seus 56 anos hoje. Tem dois filhos adultos, esposa, bem de vida. O remédio que ele comprou para eu tomar remédio ficou lá (na casa que morava com ele).

Voltando pra minha mãe, contei para ela, minha mãe me acolheu, contou para o meu pai, eles me acolheram e eu continuei não querendo a criança.

Eu tomava banho e olhava minha barriga crescendo, eu não batia, nada, mas eu chorava, chorava, de ficar no chão do banheiro.

Aí fui acompanhada por uma psicóloga na Casa. O pai do bebê me ligava para tomar o remédio. Chegou um dia, eu estava com 4 meses. Ele falou: Você não vai vir (tomar o remédio)? Eu falei, não, você pode pegar esse remédio e jogar fora, porque eu não vou mais abortar.

Mas eu não queria, aí dizia para minha mãe que ia dar a criança. Minha mãe dizia: Então dá para mim. Mas se eu der para você ela vai ficar perto de mim (ela dizia para a mãe).

Quem me acompanhava na Casa Pró-Vida estava sempre perto de mim, falei que eu ia dar a criança. Quando estava com 6 meses de gravidez descobri que era uma menina.

Aí decidi não abortar mais. Fiz uma ecografia, pela Casa mesmo, acho que foi a segunda, ou a terceira, porque eu não queria fazer nem pré-natal. Eu comecei o pré-natal, acho que estava com quase 4 meses.

Eu já tinha perdido uma menina (num aborto espontâneo), uma semana antes de nascer, antes do meu filho. Eu era casada com meu esposo, perdi minha filha. Eu já tinha feito chá de bebê, já tinha feito, tudo. Bercinho montado, tudo organizadinho. E ela morreu.

E assim, quando eu soube que era uma menina, eu já não me importava mais, porque eu já não queria mais. Aí eu ia tomar banho, olhava para minha barriga, eu não queria, e apertava, sabe. Só que eu já tinha tirado aquele sentimento de aborto. Agora a gente tinha que trabalhar o dar a criança. O dar a filha para outra pessoa.

Então, o que aconteceu: Eu fui falando com a psicóloga. E chegou uma hora, em que me veio um estalo, assim. Uma coisa na cabeça. Eu não sei se foi Deus que

mostrou para mim, se foi em sonho, eu não sei te dizer. Só sei que Deus me falou assim: Estou te devolvendo aquilo que tirei de você. Que era minha filha. Claro, eu sei que não é ela, mas eu estava tendo a oportunidade de ser a mãe de uma menina. E eu estava simplesmente, largando isso de lado. Eu não estava querendo aquilo que Deus estava me dando.

Falei para minha mãe no outro dia e ela chorou de emoção. E ali perto do 7º mês eu fui assim, olhando aquela barriga de uma outra maneira, aí, acabou que eu falei para psicóloga que eu ia ficar com ela.

E ela perguntou pra mim assim, olhando para minha barriga: “você sente amor por ela?”. Eu falei: “sinto”. Daquele dia em diante, tudo mudou, sabe. Na minha gravidez, o final foi tranquilo, eu consegui achar uma pessoa (mesmo grávida), uma pessoa que gostava de mim desde a infância, sabe. Que está do meu lado até hoje, e acabou que ele registrou minha filha. O pai não quis saber, o pai pagou tudo, o hospital, porque na minha idade já não podia ter filho de parto normal, então, ele pagou tudo. Abri mão da pensão e hoje meu companheiro tem minha filha como filha dele.

– E o pai, ele continua em contato?

Nunca mais, ele foi embora para outro lugar, nunca mais me ligou. Hoje em dia tem facebook, e eu posto bastante fotos dela, eu acredito que ele já tenha visto, porque é a cara dele. É bem parecida com ele, os olhinhos verdes, puxou ele, ele que tinha olho verde.

Quando ela nasceu, ela não mamava, a gente tem que descansar no hospital, eu só ficava andando, ela não pegava mama, gritava, a enfermeira não conseguia me ajudar. Mamava pouco.

Aí quando eu fui pra casa, chegou lá, ela não pegou o peito, foi meu companheiro e a minha mãe, tudo correndo para a farmácia comprar xuquinha. Então, eu passei quase 7 dias na minha casa, tirando leite. Isso já era amor, porque se eu não tivesse amor, eu não ia me importar para que ela pudesse se alimentar. Eu acho que é uma grande prova de amor.

Teve um dia que eu deitei com ela, e ela tão linda, eu tirei o seio para fora e não largou mais, com 1 ano ela mamava ainda. Minha mãe me disse depois disso: “Olha, A. eu achei que você ia desistir dela nesse período”, porque foi muito difícil, a gente não dormia, tô pra ver uma volta para casa tão conturbada com eu tive. O meu pai se acidentou, foi para o hospital. Eu não desisti.

Eu pedi perdão para Deus de todo coração. Me arrependo muito do que eu fiz pra ela, um ser que não tem culpa de nada que aconteceu.

– Nas histórias, eu escuto que muitas mulheres não tem condição financeira, estão com medo da família não acolher. E você não, a família acolheu e tudo mais. Qual foi o maior motivo? Foi atrapalhar a situação da sua vida naquele momento?

Foi, foi sim. Porque eu estava livre, eu estava curtindo minha vida, estava passeando, saindo. Quando meu filho ia para a casa do pai, eu ficava livre, não tinha nenhuma outra criança, ninguém que me segurasse em casa. Então eu queria passear, me divertir, viajar. E isso, no caso, uma criança ia atrapalhar, eu não ia poder fazer mais nada disso. Uma criança toma muito tempo de uma pessoa. Então, meu filho naquela época já estava sendo quase criado. Mas, claro que não, ele é uma criança de 7 anos ainda. Mas para mim já estava encaminhado.

Então, vejo hoje que ela não atrapalha minha vida. Eu posso sair com ela, eu posso me divertir com ela, ela é linda, doce, educada. 3 anos, coisa mais linda. E eu achando que ela ia atrapalhar minha vida. Estou muito feliz.

8 L.

– L., como aconteceu tudo?

Foi o desespero, né. Eu descobri que estava grávida e fiquei desesperada, por causa das condições financeiras. Meu marido estava desempregado. E faz só bico, sabe. Eu sou casada, moro de favor no mesmo terreno da minha sogra e tenho duas crianças. Não fome, mas dificuldade com eles. No desespero, como vai ser? Mais um, né? Fui procurando na internet. Cheguei na casa. Não cheguei a tomar remédio, nada. Eu pesquisava na internet.

– Você chegou a conversar com o seu marido sobre isso? Alguém sabia que você estava grávida?

Não, não. Eu não estava me reconhecendo em falar sobre o aborto, porque eu sempre fui contra. Então quando eu descobri que eu estava grávida e veio direto na minha cabeça sobre o aborto, eu não tive coragem de falar para ninguém, nem para o meu marido. Na minha cabeça ia ser mais fácil fazer o aborto e ninguém ficar sabendo.

Isso foi até eu fazer minha ecografia, quando eu fiz (1 mês e 3 dias) aí me deu uma crise de choro, desespero, aí eu vi que não ia conseguir fazer o aborto. Até quando

eu fui conversar com o pessoal da Casa eu já estava decidida a não fazer, mas eu já tinha ido até ali.

– Se você contasse para o seu marido, você acha que ele iria aceitar? Ele apoiaria seu aborto?

Meu marido não apoiaria o aborto. Tanto que depois que falei com as meninas da casa e elas me acalmaram, contei para ele que estava grávida e que queria fazer o aborto. Me escutou e não me julgou, mas não ia aceitar. O desespero foi mais pela realidade financeira.

– Como foi o contato com as pessoas da Casa?

Foi maravilhoso, parece um anjo que apareceu na minha vida, porque eu não estava me reconhecendo, não conseguia mais trabalhar, ficava tendo pesadelos, dia e noite, direto, com bebê. Sonhava que minha cama estava cheia de sangue. Parece que as meninas da Casa me limparam, tiraram todo aquele negócio ruim que estava dentro de mim.

– E agora, como você se sente?

Agora eu estou conseguindo ver o lado bom que eu não estava conseguindo ver. Eu só conseguia ver o lado ruim, que ia ser difícil, que eu não ia conseguir, que eu ia ter que sair do serviço. Só isso.

Meu marido ficou feliz, minha sogra ficou feliz. Eu tenho apoio dos meus patrões. É uma sensação maravilhosa, não tem como explicar. Não esperava que meu marido ia ficar tão feliz igual ele está, ele não viu em momento algum o lado ruim, como eu vi.

O sentimento era de desespero, passa mil coisas na cabeça da gente. Agora estou feliz, no meu trabalho, na minha casa, eu estou melhor.

Deus dá um jeito pra tudo, que essa criança está vindo por algum motivo. Se abortar a gente nunca vai esquecer. Todo mundo tem o direito de viver, né.

– E a internet, L.?

Na internet, não é tão fácil comprar remédio, eles pedem e-mail, isso, aquilo, tem muitos falsificados, né, às vezes são 1.000, 1.200 reais, por 500. Não tem instruções.

Tem uma amiga minha, ela está com 42 anos, não sei se foi pelo remédio, ou pela idade. Ela tomou remédio para abortar, e ela teve hemorragia durante 3 dias. Uma hemorragia muito forte, ela achou que tinha perdido a criança, mas teve e a menininha

dela está com 6 anos e nasceu com probleminhas, faz acompanhamento, com problema na vista, físico, pulmão. E ela já tinha abortado um com um remédio.

Vi no site de uma feminista alguns comentários. Como ela pode ser a favor do aborto, né? As feministas são a favor do aborto, mas quantas meninas são mortas (ainda em gestação) por causa disso? Há também as consequências físicas e psicológicas. Sofri antes de fazer o aborto, imagine se eu tivesse feito. Teria acabado com minha vida, com certeza. Seriam duas vidas, além do meu bebê e a minha e a do meu marido. Não sei como ia ser. Dá para dizer que ele é apaixonado por mim, mas não ia me perdoar. Ele também ia ficar a vida inteira com isso na cabeça, pensaria como a criança estaria agora, se era menino ou menina. Eu ia acabar com a vida do bebê, com a minha e a do meu marido.

9 S.

Bom, não foi planejada e foi uma vez que sai. Acabei saindo, acabou acontecendo e acabei engravidando, foi inesperado, eu tenho cinco que estão em casa, essa é a sexta criança.

Fiz ecografia, estava de 4 semanas, o médico falou que eu estava com deslocamento na placenta, um início de aborto.

Eu não tomava nada, não fazia nada. Aí quando ele falou que eu estava com deslocamento, veio a internet.

Eu comecei a ver coisas para abortar, chá, remédio, só não tomei o remédio, porque era muito caro. Eu não vou tirar R\$400,00 das minhas filhas para comprar remédio.

– **Você achou o remédio fácil para comprar?**

Ele é ilegal, eu tenho uma conhecida de minha prima vende esses negócios. Mas pelo fato de ser 400,00 reais eu não tive coragem. Então, eu prefiro ficar com a criança do que pagar 400,00 e acabar não dando certo. Vou apelar pra outra coisa, vi lá chá de maconha: "ah, eu nunca usei droga, agora vou ter que usar isso? Ah, não, outra coisa. Esse negócio de maconha, eu não acho certo."

Comecei a tomar todo tipo de remédio. Tudo que eu via na internet, eu fazia lá em casa.

– **Você tinha algum apoio da família, amigos?**

Bom, a única que sabe que eu tô grávida é minha prima, que me ajudou e me deu umas ideias e minha tia, que era contra, mas ela via o meu lado, via eu com as crianças, já via que eu estava sofrendo.

Eu fui tomando, até um dia eu peguei um remédio, não lembro o nome e fui parar no hospital. Chegando lá, o médico falou que tinha dado quase uma parada cardíaca. Não lembro de nada, meu irmão que me levou no hospital, eu estava desmaiada. Só lembro que no outro dia eu estava avisando minha patroa. Aí nisso, minha patroa queria saber o que tinha acontecido.

Eu peguei e contei tudo, não tem mais saída. Aí ela me indicou a Casa Pró-Vida e fiquei mais aliviada, comecei a pensar mais.

– Como era antes da Casa MI?

Quando eu descobri que eu estava grávida, eu levei um choque, porque eu não morava com minha mãe, não tinha condições e estava com cinco. E agora, meu Deus, como vai ser?

Eu e minha mãe não nos entendemos. E ela culpa as crianças, então qualquer coisinha pra ela. Ela bate neles. Aí eu fiquei pensando: Eu não quero ter mais um filho para vir aqui para sofrer na mão dela. Eu fiquei pensando nisso.

Daí quando eu conheci a Casa eu vi que já abriu uma porta, conversou comigo, que tem a saída da adoção. Mas adoção eu não conseguiria, eu não tenho essa coragem. Quando eu tomava os remédios, a única coisa que passava pela minha cabeça, quando eu fazia os chás era não deixar nascer para não sofrer. Só isso que eu pensava, porque eu via a situação dos meus, via a minha mãe agredindo, batendo, então, é isso.

– E depois que essa porta se abriu?

Fui conversando com as meninas eu fiquei mais leve, parece que aquele escuro saiu. Tem alguém do meu lado. Eu até saí da casa da minha mãe, para morar sozinha com as crianças, a Casa ajudou. Na primeira semana passei sufoco. Agora já está mais leve. E eu já penso no sexto (não são mais cinco filhos).

– Você não pensa mais em tirar a criança?

Não. Agora tá melhor. Ele tá se mexendo, já sinto dor, o médico fala que é pelos remédios que eu tomei, pode ser que venha prematuro, tenho que ficar em repouso, mas como trabalho de doméstica, repouso é difícil.

– O que você me diria, se eu fosse uma menina que estivesse passando pelas mesmas coisas que você passou?

Força pra enfrentar. Foi o que me aconteceu esses dias atrás com uma amiga minha, ela estava louca para achar o remédio, e eu falei: Não compre. Você vai comprar, vai tomar e não vai adiantar nada, quando é para ser não adianta correr, tem que enfrentar. Eu falei, depois olhei e pensei: “é pra mim que tô falando, não é para ela (risos)”. Tanto é que ela aceitou também, não fez nada, estava na mesma situação que eu.

– E o pai da criança?

Eu conversei com ele quando descobri, ele falou, “ah não, não pode ser, uma vez só”. Ele está fazendo DNA numa outra criança. "Se for meu, eu ajudo, se não for...". Eu conversei com ele essa semana, ele falou que aceitava fazer exame tudo certinho. Estou esperando nascer.

10 F.

– Como que foi a sua história? O que levou você a pensar no aborto?

Eu digo que a história da minha filha, ela já começou antes da gravidez porque ano passado eu me separei e eu comecei a ter problemas no trabalho e final do ano chegou meu limite que eu não aguentava mais trabalhar, eu estava começando a entrar em depressão. Todos os problemas do mundo parecem que estavam nas minhas costas e como eu tinha acabado de me separar eu estava naquela fase da badalação.

Só que minha família sempre foi evangélica, eu sempre segui os princípios e quando chegou no final do ano a gente fez uma viagem, eu com minha família, fomos para praia foi aí que eu refleti. 'O que eu estou fazendo da minha vida? Estou com minha família acabada, estou num emprego que eu não suporto, que está me fazendo mal. E essa história de sair e ficar com pessoas que eu não sentia nada, não estava me fazendo bem . Foi a hora que eu falei chega, não quero isso pra mim. Aí eu descobri que eu estava grávida.

Foi até "engraçado", eu descobri que estava com depressão, aí estava fazendo consultas direto, comecei a fazer o tratamento da depressão, tomando remédios. Aí atrasou minha menstruação, mas não contei para ninguém e fiquei naquilo 'não pode ser, não pode ser'. Teve um dia que eu estava numa depressão que fiquei aproximadamente uma semana sem levantar da cama, meu filho só ficava na casa do pai dele. Daí num dia estava com minha mãe em casa e ela me ajuda muito, graças a Deus eu tenho ela e ela

me fez levantar, eu fui, tomei banho e o cheiro do meu shampoo tava me embrulhando o estômago. Eu sentei no sofá e falei para minha mãe: "mãe, tô grávida".

Eu comprei um teste de farmácia e para meu desespero, deu positivo. Aí meu mundo caiu. E agora o que vou fazer da minha vida? Nesse tempo, eu estava em processo para sair da empresa, porque eu entrei em depressão por causa da empresa. E agora, como vou fazer? Estou pronta para me livrar de um lugar que está me fazendo mal e estou grávida. Não tem como eu sair da empresa com dois filhos e tudo mais. E ainda um filho de uma pessoa que eu não amo, que eu não quero ter convivência. Eu sabia que era uma coisa que não tinha futuro. Eu não gostava dele, assim como ele não gostava de mim. Era só aquilo e pronto, acabou.

Minha mãe me perguntou: E agora, o que você vai fazer? Eu vou tirar. Aí também veio minha revolta com Deus, afinal agora estava tentando me aproximar da Igreja. Poxa, Deus pode tudo, por que agora que estou tentando mudar, aconteceu isso? Tipo foi responsabilidade minha de não ter me cuidado, mas porque Deus permitiu Eu me afundei de vez. Estava em depressão, estava grávida, tinha um relacionamento muito ruim com o pai do meu primeiro filho. Pela depressão eu estava vendo meu filho se afastar de mim, porque sempre tinha que deixar ele com o pai. E a questão da empresa, que era o que mais me afligia no momento.

– O que ia fazer agora?

A primeira coisa que vem na cabeça é o tal do chá. Eu pesquisei e tomei, tudo, tudo. Se tivesse escrito na internet: toma xixi puro, eu tomava. Eu tomei tudo que você possa imaginar. Aí comecei a ter sangramentos. Fui fazer uma ecografia e vi que eu estava só com um mínimo descolamento na placenta. Continuei com o chá. Quando fui fazer a ecografia me falaram: Olha mãe, você tem que fazer repouso, porque pode vir a aumentar e fazer um aborto se ficar sem repouso. Eu cheguei em casa e arrastei todos os móveis, para fazer esforços. Só cansei, porque não resolveu nada. Quando eu vi que não dava mais, eu fui atrás dos remédios.

Pesquisando na internet, tinha muita gente falando que traficante vendia um remédio e tudo mais. Eu passei um dia inteiro numa praça da cidade (Curitiba), porque ali é o foco de traficantes, eu pensei: Como vou chegar em um traficante? Como vou ter certeza que ele é traficante? E eu não podia contar com ninguém para me ajudar, é um assunto muito difícil, e até os próprios traficantes falam: Não faça, isso. Você não sabe a besteira que está fazendo na sua vida. Faz mal.

Até que eu vi um rapaz vendendo droga para o outro e perguntei se ele vendia remédios. Ele disse que não, mas conhecia quem vendia. Eu comprei um remédio por R\$ 800,00. Não fez nem cócegas. Minha mãe sempre me dizia: Não faz isso. Ela estava ali ao meu lado, mas não concordava.

Eu continuei a pesquisar, fiz orçamento numa clínica de aborto era R\$2.500,00, mas achei a Casa Pró-Vida nesse tempo, eu não fiz nada até conversar com a Casa, porque tinha acompanhamento psicológico. Nesse tempo também (que eu pensava no aborto) eu tinha pensamentos horríveis, pesadelos horríveis durante a noite. Minha mãe até dormia comigo.

Você não vê outra saída, tudo te cega. Eu não tinha medo de morrer, de me machucar, de ter um câncer, de não ter mais filho (tentando abortar).

Me sugeriram ter o filho e entregar para a adoção. Eu disse que não, porque não queria que ninguém me visse grávida, não queria me ver barriguda dando satisfação para as pessoas. Me sugeriram ir para um lugar (um convento que a Casa tem parceria) para ter o filho lá. Aí já me abri um pouco, decidi não fazer mais o aborto e também comecei a pensar no meu filho mais velho.

Aí fui numa Igreja com minha amiga e fui indo e foi ficando mais claro pra mim para eu não dar para a adoção. Mas eu ainda pensava muito: Já sai da empresa e quando acabar o seguro? O que vou me virar com duas crianças?

Aí conversei com uma menina lá da igreja, me abri pra ela e ela me contou sua história: A mãe dela tinha tentado abortá-la. Quando ela saiu da minha casa (ela tinha ido me visitar) parece que tinha perdido aquele medo, angústia e decidi ter minha filha e criar ela.

Conversei com minha família, as pessoas perguntavam: “quem é o pai?”. Foi um pouco difícil, são poucos que vem pra te ajudar. Mas aí você se agarra em Deus. Eu pude contar muito com minha mãe, meu pai e a Casa Pró-Vida, eu comprei pouca coisa pra minha filha, eu ganhei tudo. Meu pai está me ajudando e minha mãe sempre ao meu lado.

Hoje eu vejo que eu estava cega, eu sempre quis ter uma menininha, é um presente. E já aconteceu de me aproximar de pessoas que estava com o mesmo pensamento que eu: Eu não quero, eu não quero. E eu com minha história ajudando as pessoas e mudando a história de outras pessoas. Uma coisa é você dizer: “fulano passou por isso”, outra coisa é você dizer: “eu passei por isso”.

E nunca falta nada para os dois, a partir do momento que você dá o sim à vida, opta pelo caminho do bem, tudo vai acontecendo pelo teu bem, tudo vai se encaixando. Até na questão da adoção, lógico que tem gente que não tem situação nenhuma de criar um filho, mas se você tem um pouquinho, você não entregue para a adoção, porque o transtorno que fica na cabeça da criança também é muito grande. Então pensar nisso, às vezes a gente pensa muito na gente e não vê o próximo. É uma outra vida, sempre é uma outra vida.

11 G.

– G., como começou toda essa história?

É bem longa a história. Eu descobri que estava grávida e, assim, eu era sozinha, morava sozinha, não tinha muito contato com o pai do meu filho. Aí comecei a pensar em tomar remédio, alguma coisa assim. Até que uma amiga minha conhecia o trabalho da Casa Pró-Vida e indicou.

Eu lembro que no mesmo dia que eu ia viajar pra tomar uma pílula abortiva, a moça que me acompanha na Casa Pró-Vida foi lá em casa, conversou comigo e eu aceitei não abortar, não tirar o bebê. Se não fosse aquele dia... eu já estava com passagem comprada, tava tudo certinho pra abortar.

– Você ia numa clínica para fazer o aborto?

Então, ia numa casa mesmo, tinha um quarto para repouso depois, só era pagar o remédio tomar e já era. Eu lembro que foi R\$ 800,00 duas pílulas. Eu iria lá tomava, ficava uns dias pra ver se tá tudo bem e voltava.

– Falaram para você sobre algum risco ou não era seguro?

Então, assim, acho que na hora ninguém pensa, ninguém liga se vai morrer, porque faz mal. É perigoso. Mas eles não falavam nada, acho também que eles fazem bastante isso. Eu não tinha medo, queria tirar de uma vez e me livrar.

Nessa época eu saia com o pai do bebê de vez em quando, não era namoro, nem nada. Eu contei pra ele, ele falou que não era dele, porque não estava namorando, nem nada. Foi assim até meu filho nascer, daí fiz DNA. Até então ele não tinha me ajudado em nada, depois do DNA começou a ajudar e agora estamos casados. Eu falei pra ele faz pouco tempo que tinha pensado em abortar, não tinha contado antes. Eu tinha 19 anos, foi em 2015.

– E quanto a sua família?

Eu sou de Guarapuava, vim com meu namorado para cá, bem nova. Minha família era totalmente contra meu namoro. Não nos acertamos, cada um foi para um lado, eu continuei trabalhando. Mas não falei mais com minha família, eles não sabem que eu tenho bebê, eu não tenho contato com ninguém. Eu já acostumei, tenho meus amigos como família e a família do meu marido é minha família.

Eu falava que queria abortar, mas tinha hora que me dava dó, sabia, as vezes eu conversava com meu filho. Ainda na mesma hora, pensava que sou muito nova, eu não daria conta de ter um filho.

Depois que decidi ter a criança, comecei a criar muito amor pelo meu filho, arrumar o enxoval, a Casa me ajudou com tudo. Valeu muito a pena dar um sim à vida, acho que nenhuma criança merece, né. Eu procuro não ficar lembrando, hoje vejo meu filho e lembro dos pensamentos que tinha, nossa, dói o coração, aí eu não fico lembrando não.

É difícil, mas no final tudo vale a pena, vê o sorriso do teu filho tá tudo bem, é a melhor coisa do mundo. Por mais que você esteja triste, porque a gente se sente sozinha abandonada, mas no fim tudo dá certo. Sou muito grata a Casa que me ajudou e até hoje me ajuda.

12 E.

A Casa chegou para mim pela minha prima na verdade, eu não sei como ela fez esse contato, foi por meio de outra gestante aqui da Casa.

Na verdade, desde o início eu não queria abortar, foi por conta das pessoas por causa da minha idade (tinha 13 anos) e pela maneira que tinha acontecido, todo mundo queria que eu tirasse a criança, ninguém queria que eu ficasse. Não queriam que eu ficasse com a criança, porque tinham medo que depois, mais tarde, quando a criança crescesse, eu não aceitasse ela, que mais tarde eu me arrependesse, que eu ficasse com medo, alguma coisa assim.

– E como aconteceu?

Foi um estupro, pelo meu padrasto, hoje ele está foragido. Eu não queria abortar, porque o bebê não tinha culpa, não era culpa dele, ele não pediu para estar ali, ele não pediu por aquilo. Então tinha que pensar na vida dele também. Eu acho que não conseguiria. Seria mais um crime para esconder um crime.

– Você chegou a ir na delegacia, no hospital?

Fui na delegacia, fiz boletim de ocorrência. Tanto na delegacia mesmo, pela maneira que aconteceu você tem a opção de tirar a criança, mas eu não consegui. No começo foi muito estranho, eu tinha treze anos, muito complicado, mas foi uma paixão, ainda mais quando ele começou a mexer, foi a partir dos seis meses que eu comecei a aproveitar realmente a gravidez (foi quando conheceu a Casa). O apoio das pessoas também me ajudou.

Eu acho que primeiro tem que pensar que (a criança) está ali, ela não pediu pra ser gerada. E também esse crime depois vai prejudicar muito você, meu psicológico não aguentaria se eu tivesse tirado essa criança, eu estaria assassinando. As pessoas tinham medo da minha relação com o bebê. Elas perguntavam se eu ia conseguir olhar para ele.

– E hoje, como é sua relação com o bebê?

Eu amo ele, ele é minha vida. É meu amor. Ele tem dois aninhos. Eu fiquei muito tempo na psicóloga aqui da Casa, eu ainda travo para conversar com algumas pessoas, é um processo.

13 B.

– B., como começou tudo isso?

Então, começou assim, numa sexta ou num sábado eu vim numa festa, aqui no Sítio Cercado. Eu fui com uma amiga minha, a gente curtiu e tal e, assim, eu bebo um pouco, mas nada muito exagerado, mas toda a vida que eu bebi, eu sabia o que eu estava fazendo, não exagerava e nunca esquecia do que eu fiz.

E nesse dia, eu não sei, eu não sei quem me deu alguma coisa, colocou alguma coisa na minha bebida, tomei um copo e aquele copo bastou, eu não lembro de mais nada.

Eu acordei, eu estava num quarto assim, eu vi que minha roupa estava diferente, que foi tirada assim e eu fiquei com um pouco de dor assim, um desconforto. Até então eu nunca tinha "feito" (transado) com homem.

Acordei no outro dia era 7h da manhã. Apaguei por horas. Perguntei pra minha amiga quem tinha me levado para o quarto e ela não tinha visto nada, ninguém viu nada, até aí eu já fiquei meio traumatizada.

Fui pra casa e depois de duas semanas eu comecei a assistir jogo. Eu tenho problema no estômago, bactéria, gastrite nervosa, mas assim, eu nunca vomitei do nada. Enjoo toda hora. Eu pensei: "é só o que me faltava". Naquele dia eu já tinha vomitado

umas três vezes e pensava: "nossa, eu não acredito." Eu comprei o teste de farmácia, quando eu vi, estava grávida mesmo. Então, eu estava grávida mesmo, e nem de homem eu gosto, né.

Se eu falasse para meus pais eles iam querer ficar com a criança. Eu queria e não queria. Naquele momento eu não queria. Não que ela tenha culpa, ou eu tinha raiva dela, porque se ela nascesse eu não ia descontar nela o que aconteceu comigo, porque ela não tem culpa, ela não tem culpa do pai que tem. Eu não ia descontar. Não queria abortar por olhar para ela e lembrar do que aconteceu. Era só por eu não querer naquele momento.

Eu tenho as coisas para fazer, ia atrapalhar tudo. Eu comecei a procurar nos sites, eu procurei desde o começo da gravidez, até os 7 meses, foi quando encontrei a Casa. Eu estava com sete meses e sempre usei roupas largas. O primeiro encontro foi no shopping.

Ah, antes disso eu entrei na internet e tentei achar alguém que quisesse uma criança, porque eu já tinha meio que desistido de abortar, na verdade, eu sabia que não ia conseguir abortar. Vou achar alguém que fique com a criança e dê o amor que ela merece, não que eu não ia dar, porque eu sou uma pessoa muito amorosa e não sou muito rancorosa, então, tipo, eu ia dar amor pra ela, só que agora eu não queria filho.

Eu achei um casal, conversei com eles, mandei um vídeo da criança chutando minha barriga. Eles: "ah que bonitinho". Pareciam gostar de criança. Eles perguntaram se eu não poderia viajar para a cidade deles (entregar a criança), mas eu não tinha dinheiro.

– E nisso, seus pais já sabiam?

Não, meus pais não sabem até hoje.

Daí, eu desisti de falar com eles (com o casal que queria adotar a criança). Assim, fui conversando com as meninas da Casa Pró-Vida. Nossa, como eu sofri a gravidez inteira e só eu sabia. Conversando com elas, eu já vi a saída, foi a salvação. Nossa, minha mãe é minha melhor amiga, foi muito difícil esconder dela. Mas conversando com elas fui pra casa aliviada, depois de meses sem dormir, eu dormi mais tranquila.

Aí já marquei com a médica da Casa. Todos esses meses, eu nunca fiz nada na barriga, tem gente que bate na barriga, eu só não queria ter, mas eu cuidava, comia muita fruta, tomei vitamina, por mais que eu não queria eu estava pensando no bem,

quando elas me encontraram eu não queria mais abortar, mas não sabia o que fazer. Eu também tenho uma namorada e ela também não sabia, eu nem chegava perto dela direito, ela já estava começando a estranhar.

Teve um dia que eu comecei a ter muita dor, liguei para quem me atendia na Casa e sai escondida da minha mãe. Fui para maternidade 1h da manhã, 6h30 meu bebê nasceu de parto normal, foi um alívio, peguei ela, ela era bonitinha. Foi uma sensação gostosa de ter deixado ela nascer, por não ter feito nada de errado e evitado dela ter uma chance na vida, dela ter uma vida. Nem sei explicar a felicidade. Nasceu perfeitinha.

Fiquei um dia na maternidade, antes de sair eu fui visitar minha filha, conversei com ela, falei assim: A mãe vai ter que te deixar aqui, mas hoje mesmo, amanhã já vem uma família aqui pegar você. Eu saí de lá aliviada. Eu fui na juíza para explicar o que aconteceu, o porque queria colocar para adoção, estava com o advogado também (o advogado da Casa). E até hoje a Casa me acompanha.

Aqui pensam na criança e na mãe, aqui cuidam bastante. E quanta gente quer um filho e não pode ter, a criança vai para uma casa que tenha amor e também se você não quer a criança tem quem queira. E é uma vida, não é um objeto.

Eu aprendi muito com essa experiência. Antes eu até pensava, "Ah, mas a mulher, o corpo é dela. Por que ela não pode fazer isso?". Agora eu penso que se ela não quer cuidar tem quem cuide. Eu não me arrependi de dar ela pra adoção, mas está bem cuidada.

Eu acho que não vale a pena abortar mesmo sendo violentada. O sofrimento é muito grande, mas eu até fui com a Casa atender outra menina que passava pelo mesmo caso. Aí eu disse para ela: "Eu sei que você deve estar pensando a mesma coisa que eu, quem somos nós para falar para você ficar, para você ter o bebê, só que nós queremos ajudar você, porque se você abortar, pode dar uma complicação, vai matar a criança, é um conjunto. Eles (a Casa) não querem só que a criança nasça, eles querem cuidar de você e querem cuidar da criança para que todas fiquem bem. Conte toda minha história pra ela. E ela aceitou ficar com a criança."

14 C.

– Como começou tudo isso?

Foi só uma simples coisa, foi só aquele motivo que a gente pensa assim, eu já tenho 2 filhos, um tem 4 anos e o outro tem 2 daí eu já pensei no que os outros iam

dizer, não no que eu ia fazer. Eu sei que eu ia ter condições de cuidar, mas pensava no que os outros iam falar "Nossa mais um, mas já?", "Mas esse é tão pequeno ainda, nem saiu das fraldas", foi isso que me levou (a pensar no aborto) mais pela crítica dos outros. Eu sou casada há 4 anos, meus dois filhos são do meu marido, normal meu relacionamento, foi só que eu pensava nos que os outros iam falar.

Eu comecei a pesquisar na internet, conheci uma moça que vendia um remédio para aborto, né, aí ela queria que eu comprasse 10 de uma vez, que era cento e pouco. Eu só não comprei porque não tinha dinheiro. Eu comecei a ver os efeitos colaterais do remédio e fiquei bem nervosa. Isso (de querer abortar) ninguém sabia, só eu que sabia, nem meu marido sabia.

Eu contei pra ele que queria abortar, daí ele ficou "meio assim" porque ele viu que eu comecei a chorar bastante, porque eu só chorava, todo dia, todo dia, a noite inteira. Daí ele não falou nada. Só que quando ele soube do remédio, ele falou que não. Mesmo assim, eu continuei procurando. O único motivo foi o medo do julgamento dos outros.

Meu pai e minha irmã ficaram doidos quando souberam que eu queria fazer isso. Minha mãe também. Acho que por isso eu fiquei assim, porque eu não contava nada pra ninguém, guardava tudo pra mim. Ia pensando as coisas e guardava tudo pra mim. "Ai, nossa, como vou sair com três crianças num lugar, tudo pequenininho. O que os outros vão pensar?". Isso que eu pensava, coisa mais besta.

Procurei remédio, chá, erva, todas as coisas, tomei, mas não fez nada. Procurei de tudo.

Até quando encontrei a Casa Pró-Vida, fiz uma ecografia e eu falei: "não, não tem como eu fazer isso". Já estava totalmente formado. Com quase 4 meses. Hoje estou com 6 meses. Quando eu parei de pensar no aborto, tirei um peso das minhas costas, um alívio. Foi a melhor coisa que aconteceu.

– Como é a relação com o bebê hoje? (mesmo estando grávida ainda)

Antes eu tentava pensar assim: "vou pensar que não tem nada ali dentro. Isso não acontece. É só eu". Eu nem passava a mão na minha barriga. Hoje não, nós conversamos com ela, colocamos meus filhos pra conversar.

Depois que nascer, tudo dá um jeito. Eu conheci uma moça que abortou e até hoje ela fala que nunca sai a imagem da cabeça dela que ela chegou a ver o bebê picado. Ela falou que foi a pior coisa. Ela olha pra filha dela e a primeira coisa que vem na

cabeça a imagem da criança que ela abortou. Nem dorme de noite. Ela se arrepende até hoje. É a mesma coisa que eu ia sentir.

– Se você tivesse que definir em uma palavra todo o sentimento que você passou durante esse período?

Seria terror. A única palavra que define tudo.

ANEXO 2 – ENTREVISTA COM O FUNDADOR DA CASA PRÓ-VIDA MÃE IMACULADA, PADRE SILVIO ROBERTO, MIC

– Padre, como foi a inspiração para essa obra?

Eu vejo assim, que a Casa Pró-Vida, Marcia, ela é a concretização de um carisma, um carisma maior e mais profundo e é o fundamento para que aconteça uma concretização. O carisma sempre é Dom de Deus, dado por Ele, e o carisma a gente vai lendo na nossa história, vamos percebendo pelos fatos, pelas situações, onde a gente vai vendo as marcas de Deus, onde Ele vai pondo a mão, vai conduzindo e tudo mais.

Então, assim, fazendo a reminiscência de alguns fatos, o que eu percebo, que o meu carisma, sou chamado ao sacerdócio. Já lembrando, vou vendo a ação de Deus. Quando eu estava ainda na filosofia, indo para a teologia, lá por 1998, 1999. Lá na paróquia São Jorge (no bairro Portão-Curitiba), eu era seminarista, e o padre Marcos me chamou para ir num estabelecimento comercial ali perto, chegamos lá e tinha um bebê num cesto de lixo, um bebê no banheiro, no lixo do banheiro. Um bebê totalmente formado, que foi dado a luz e ali foi jogado no cesto de lixo. Eu lembro que aquilo lá já foi algo que me marcou bastante.

Depois disso, fui para os Estados Unidos, fiquei um ano nos Estados Unidos e lá, duas coisas: Uma foi, quando a professora de inglês pediu pra escrever um texto, uma redação sobre algum tema que nós achássemos relevante e eu lembro que “The Silence Holocaust”, o holocausto silencioso, onde eu falei da questão do aborto, como um holocausto que ele é. Isso foi no ano 2000.

E mais importante que isso, naquele ano eu com alguns seminaristas e mais alguns padres, fomos rezar em frente a clínicas de aborto, como é costume dos pró-vidas fazerem nos Estados Unidos. E rezando em frente dessa clínica de aborto aconteceu um fato milagroso, porque nós estávamos na manhã lá rezando e quando nós decidimos ir embora, alguém falou: “Vamos rezar mais um pouco”, não me lembro quem falou, nós permanecemos e nesse momento chega uma mulher. Nós vimos ela entrando na clínica, ela passou por nós, mas ela mal entrou e já saiu. Ela veio até nós e disse: “Eu vim aqui hoje para fazer um aborto, mas vendo vocês em oração aqui e eu desisti agora”. Ali já aconteceu um milagre, uma vida salva.

Aí, voltei para o Brasil e terminei meus estudos, fui ordenado sacerdote em 2005 Fui para o Rio de Janeiro e com a Ana (do movimento pró-vida do Rio) nós começamos a fazer ações pró-vidas lá no Rio de Janeiro.

Na verdade a Ana, um dia ela chegou, eu estava fazendo confissões e ela estava no grupo de oração e durante a oração ela via pedaços de crianças, ficou muito forte aquela imagem. Aí, alguém do grupo disse para ela falar comigo e ela veio, foi um momento muito forte, nós conversamos e eu já passei pra ela a missão de ir em um lugar falar sobre a defesa da Vida, e um dia nós fizemos no Rio de Janeiro uma parada na Ilha do Governador, na rua, um pedágio de rua, com carros, fazendo toda uma coisa em defesa da Vida e tal.(isso com outras pessoas já).

Nós fomos na Assembléia Legislativa do Rio, onde estavam querendo fazendo proposições em defesa do aborto e tudo mais, e ali eu tive a oportunidade de falar também.

Aí vim para Curitiba, em 2006, assumi o Apostolado da Divina Misericórdia e a missão do apostolado é de levar a misericórdia divina e ficou claro pra mim que uma das formas de levar a misericórdia divina, é claro, é através da defesa da Vida. Na nossa revista do apostolado eu ia escrevendo textos de cunho pró-vida.

– Como era a estrutura do movimento pró-vida nessa época?

Nessa época não se via muita comunicação, claro, tinha certa comunicação, os pró-vidas, talvez do Rio de Janeiro, foi lá que praticamente o movimento pró-vida no Brasil começou através do sacerdote Monsenhor Ney Afonso de Sá Earp. e do Padre Lodi. Com certeza tinha uma ligação dos pró-vidas sim, mas obviamente não igual hoje.

Aí lá por 2010, foi ficando mais claro pra mim, fazer por aqui um trabalho mais concreto pró-vida. Aí veio a ideia de criar a Casa Pró-Vida, de criar alguma coisa assim. Aí fui atrás de um lugar físico para esse trabalho.

Foi interessante porque eu procurava alguma coisa perto do Santuário da Divina Misericórdia (Estrada do Guanchinho), e não encontrava os lugares. Aí um dia uma mulher, para falar a verdade, até hoje pessoalmente eu não a conheço. Ela entrou em contato comigo por e-mail, porque ela me conhece por meio da revista. E ela disse no e-mail: “Padre Silvio, eu sou intercessora e Jesus colocou pra mim que algo que o senhor tá querendo, Jesus vai te dar, mas é para rezar o terço da divina misericórdia, fazer a novena durante os nove dias lá no santuário de madrugada”. E era bem na época do inverno (risos).

Eu tomei aquilo como sinal e aí eu fui toda madrugada, durante 9 dias. Mas a Casa que atualmente é a Casa Pró-Vida era de uma funcionária do Apostolado, ela já tinha me proposto aqui, mas na verdade eu nem cheguei a ver, porque eu queria um

lugar ao lado do Santuário. E no quinto dia da novena um outro intercessor, ele foi até mim e falou: “Padre, eu estava passando numa rua ali com uma casa com a placa ‘vende-se’ e veio no meu coração de te falar isso”. Eu tomei aquilo como sinal e falei: “então vamos lá ver onde é”. E aí, descobri que quem estava vendendo a casa era minha funcionária, que já tinha me oferecido e eu não tinha dado atenção. Concretizamos o negócio no dia de São Lourenço, 10 de agosto de 2011. A Casa pertence à Congregação dos Padres Marianos (da qual eu faço parte).

Aí eu fiquei pensando: “Tenho que ver quem vai trabalhar comigo nessa obra”, né! Eu e a Jane já tínhamos algum contato pelos grupos de oração. E também, ela fazia a consagração à Nossa Senhora junto comigo, era na mesma data, renovamos juntos. Eu conversei com a Jane, ela aceitou, nós fomos para algumas formações. E dia 12/12/12 nós inauguramos a Casa Pró-Vida. Aí veio uma série de reformas, as pessoas foram vindo para a obra, fomos fazendo os eventos. As coisas foram caminhando.

O primeiro atendimento, a gestante foi abusada e ela chegou para nós já com a decisão de não fazer o aborto, mas ela precisava de um atendimento, de um acompanhamento. Marcou muito a frase dela. Eu perguntei: “você foi abusada e mesmo assim você não vai abortar, por quê?”. “Padre, quando eu estava sendo abusada, a pessoa ia me matar e pedi pra Deus para salvar minha vida, e como ele não me matou, como eu agora teria o direito de matar essa criança?” Me marcou muito isso. Aí depois vieram os outros atendimentos.

– O senhor falou de sinais, que a história da Casa Pró-Vida foi moldada por meio de sinais. Que sinal o senhor acha que ela é para o tempo que vivemos hoje, para a sociedade que vivemos hoje?

A Casa é um sinal da misericórdia de Deus. No sentido que a misericórdia de Deus, ela implica, a misericórdia, ela bem entendida, ela implica de um lado a verdade, onde a verdade, ela tem que ser apresentada, ela tem que ser dita, tem que ser valorizada como tal, sem meias palavras, sem relativismo. Mas por outro lado, é a acolhida, o perdão, o acompanhamento, é o não julgamento. Então a Casa Pró-Vida é tudo isso. A gente procura ser isso, Deus tem nos usado para isso.

E ela é esse sinal para o tempo de hoje também, (o então papa) João Paulo II falou sobre a cultura da morte e a cultura da vida (vistas hoje). São João Paulo II foi profético em ter deixado isso para nós de modo muito explícito na sua Encíclica

Evangelium Vitae (Evangelho da Vida). A Casa Pró-Vida é uma resposta da Igreja para isso.

A Igreja está respondendo, diante da questão dramática que é o aborto, da desgraça que é o aborto, com ações de conscientização e com ações àqueles que estão no meio dessa batalha, principalmente as mulheres. Então a Igreja dá a resposta acolhendo.

– **E quanto ao futuro da Casa?**

O futuro da Casa. Eu vejo o futuro da Casa dentro desses sinais de Deus, ou seja, dentro dessa providência de Deus que tem acompanhado a Casa Pró-Vida até aqui. Então Deus, especificamente por meio de Nossa Senhora, que Ela é a Senhora dessa casa, foi organizando tudo isso, preparando as pessoas, trazendo as pessoas e tudo mais e eu vejo que Deus ainda tem passos para nós, de aprofundamento do nosso trabalho, de ampliação do nosso trabalho, acho que nosso trabalho ele tem que se estender para essas crianças que já nasceram, estão vindo aí, que vão precisar de educação e tudo mais, então é uma das coisas que nós visualizamos para a Casa Pró-Vida, e expandir o trabalho para todo o Brasil (outras Casas como filiais).